

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO DO SUL**  
**Faculdade de Ciências Humanas**  
**Curso de Graduação em Filosofia**  
**Isabele Pestana Alfonso**

**Uma Análise da Relação entre a Dúvida Metafísica Cartesiana e *Matrix***

Campo Grande – MS  
2024

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO DO SUL**  
**Faculdade de Ciências Humanas**  
**Curso de Graduação em Filosofia**  
**Isabele Pestana Alfonso**

**Uma Análise da Relação entre a Dúvida Metafísica Cartesiana e *Matrix***

Trabalho de conclusão de curso apresentado à Banca Examinadora da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, como pré-requisito para obtenção do título de Licenciado em Filosofia.  
Orientadora: Prof. Dra. Máira de Souza Borba.

Campo Grande - MS  
2024

*Dedico esse trabalho à minha filha, Lílian, meu maior amor e maior motivação. Que este trabalho seja uma pequena parte do legado de amor e dedicação que quero construir para você.*

## **Agradecimentos**

Este trabalho representa não apenas uma etapa acadêmica concluída, mas também um processo de aprendizado e crescimento pessoal, pelo qual sou profundamente grata a todos que me apoiaram e me orientaram durante essa jornada. Agradeço à Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, pela oportunidade e pelo ambiente acadêmico proporcionado, onde pude crescer e desenvolver o conhecimento necessário para a realização deste trabalho. Agradeço a todos os professores do curso de Filosofia, que com dedicação e empenho transmitiram não apenas o conteúdo acadêmico, mas também lições fundamentais para a minha formação pessoal e profissional, especialmente, à minha orientadora Professora Dra. Maíra de Souza Borba, a quem eu admiro imensamente, a orientação, dedicação e paciência em cada etapa deste trabalho foram fundamentais para os objetivos deste projeto. Sou profundamente grata por toda a confiança e apoio. Também ao professor Dr. Ronaldo José Moraca, aqui expreso minha profunda gratidão, pois, além de excelente professor, nunca mediu esforços para auxiliar, tanto a mim como aos demais acadêmicos, a superar as dificuldades que por ventura surgiram no caminho.

À minha mãe, Maria de Fátima, que mesmo sem ter conseguido estudar devido às dificuldades da vida, sempre me ensinou a importância do estudo, sempre me incentivou a seguir os meus sonhos e sempre acreditou em mim. Foi com muita luta que eu pude ter o privilégio de ingressar em uma universidade pública. Jamais terei palavras o suficiente para expressar a minha gratidão. Ao meu tio Kênio, que cumpriu e cumpre até hoje o papel de pai que eu não tive. À minha irmã Nathália, que se dedicou a cuidar de mim durante toda minha infância, onde eu pude me inspirar a ter amor pelos estudos e principalmente, pela licenciatura. Aos meus demais familiares, que estiveram presentes em todos os momentos, me ajudaram e fizeram parte dessa trajetória, direta ou indiretamente.

Ao meu melhor amigo, companheiro e marido Victor Raul. Você estava do meu lado quando recebi a aprovação da universidade. Foi por sua influência que assisti ao filme *Matrix* pela primeira vez. Você esteve do meu lado quando achei que não conseguiria continuar, mas também quando decidi que deveria dedicar a maior parte do meu tempo para concluir essa etapa. Seu apoio é a base que fundamenta a minha conquista, você se dedicou e fez muitas coisas para que eu pudesse continuar me dedicando aos estudos. Obrigada por acreditar em mim e me dar forças para seguir em frente.

À minha amiga da vida inteira Letícia Cacho, foi com você que desde criança conversava sobre as coisas da vida e os mistérios do mundo. Obrigada por ter cedido seu computador, no qual escrevi todas as palavras deste trabalho e por todas as conversas que ainda hoje, mesmo de longe, me inspiram imensamente. À Jéssica Daiany, amiga demonstrou imenso apoio em minha trajetória e com quem compartilhei sobre as dores e as delícias da maternidade. Uma mãe consegue sozinha superar as dificuldades das inúmeras funções que exerce, entretanto, ter uma amiga com quem compartilhar, tornam as coisas um pouco mais leves.

Por fim, meu profundo agradecimento a todos que, com apoio e incentivo, ajudaram a tornar este projeto uma realidade. Esta jornada foi desafiadora, mas também enriquecedora, e sou muito grata a cada um que fez parte dela.

## Resumo

A presente monografia consiste na análise da conexão presente entre os questionamentos filosóficos impostos por René Descartes em sua obra *Meditações sobre Filosofia Primeira* e o filme *Matrix*. O filme de ficção científica, dirigido por Lilly e Lana Wachowski foi e continua sendo aclamado, tanto pela cultura *pop*, quanto pela crítica cinematográfica. A responsabilidade por tamanho sucesso desta obra se dá pela inovação de técnicas cinematográficas, e, além disso, por suscitar questionamentos filosóficos por meio da sétima arte. Visando estabelecer essa relação, propõe-se analisar o contexto histórico de Descartes, pois este é essencial para compreender de modo mais abrangente sua obra, e busca-se explorar e compreender as *Meditações*, dando ênfase na dúvida metafísica. Por outro lado, será explorada a trama de *Matrix*, destacando as cenas principais, que podem ser utilizadas para ilustrar a dúvida metafísica. A empreitada cartesiana, assim como aquela de Neo (personagem principal de *Matrix*) tem o mesmo ponto de partida: a busca pela verdade. Busca que levará ambos ao questionamento da existência do mundo exterior. Dessa forma, pretende-se analisar detalhadamente como os questionamentos suscitados pelo filme *Matrix* podem ser comparados à dúvida metafísica cartesiana, refletindo em quais pontos estes se aproximam, compreendendo suas especificidades e o lugar ocupado por ambos no debate metafísico sobre a realidade.

**Palavras-chave:** Descartes. *Matrix*. *Meditações*. Metafísica. Dúvida.

## Sumário

<b>INTRODUÇÃO</b>	<b>8</b>
<b>CAPÍTULO I</b>	<b>10</b>
<b>Descartes e a dúvida metafísica</b>	<b>10</b>
1.1. Contexto histórico	10
1.2. Das coisas que se podem colocar em dúvida	15
1.3. Das Meditações seguintes	23
<b>CAPÍTULO II</b>	<b>34</b>
<b>Matrix sob a lente da Filosofia</b>	<b>34</b>
2.1 Matrix	34
2.2 Elementos filosóficos em Matrix	40
2.3 A Dúvida Metafísica e Matrix	44
<b>Considerações Finais</b>	<b>52</b>
<b>Referências Bibliográficas</b>	<b>54</b>

## INTRODUÇÃO

A presente monografia tem por objetivo uma análise da relação entre a dúvida metafísica cartesiana e o filme *The Matrix* (1999). Para este propósito, é necessário que exploremos detalhadamente seu contexto, bem como sua obra *Meditações sobre filosofia primeira* (1641), dando ênfase na dúvida metafísica. Logo, a fim de uma análise mais aprofundada sobre de quais modos a dúvida metafísica cartesiana se relaciona com o filme, é necessário que a filosofia e os argumentos cartesianos sejam amplamente explorados e compreendidos.

A idade Moderna foi um período em que muitos questionamentos foram suscitados acerca da religião. O Renascimento e a Reforma Protestante foram responsáveis por mudanças em vários âmbitos da sociedade, tanto na religião, como na cultura, na arte, na filosofia, e dessa forma, o homem e a razão tornam-se predominantes. Neste contexto, no qual a razão é altamente valorizada e o pensamento cético começa a ganhar espaço, Descartes apresenta suas *Meditações sobre Filosofia Primeira*. O filósofo visava transformar a forma que se obtinha conhecimento, questionando postulados para que o conhecimento fosse amparado em princípios e certezas puramente racionais. Nesta obra, Descartes lança mão do ceticismo com um artifício metodológico, que consiste em utilizar a dúvida como meio para encontrar uma verdade clara e distinta. Dessa forma, o filósofo questionará todo conhecimento através de uma série de argumentos.

Contudo, Descartes não se limita a apresentar a dúvida tal como fizeram os cétricos, ele a eleva a um novo patamar, no qual o questionamento epistemológico dá lugar ao questionamento metafísico, atingindo as verdades eternas e a realidade do mundo exterior. O Deus enganador cartesiano estabelece uma dúvida que parece não encontrar precedentes na História da Filosofia, trazendo inquietações que até hoje, para muitos, permanecem sem resposta. A possibilidade de um Deus que me envie falsas representações, fazendo com que eu acredite em uma realidade completamente inexistente, estabelece um cenário no mínimo perturbador.

No final da década de 90, cenário no qual a tecnologia avança e passa a ocupar um local de destaque em toda sociedade, é lançado o filme *The Matrix*. Thomas Anderson (Neo) é um *hacker* que vive em angústia, ansiando descobrir a verdade: o que é A Matrix? Dessa forma, Neo descobrirá que sua realidade sensível não existe, e que de fato a sua mente está



aprisionada à Matrix. A Matrix é um programa de computador, responsável por injetar uma falsa realidade no cérebro dos seres humanos, um mundo falso, programado para enganar e controlar.

Além disso, é possível perceber que a história em *Matrix*, onde a sociedade foi tomada pela tecnologia sobre a mente dos seres humanos, possui muitos questionamentos filosóficos, sendo o mais significativo a jornada em busca pela verdade. Tal busca é o objetivo primordial de Descartes em suas *Meditações*. Portanto, visto que *Matrix* parece utilizar como base de sua história os questionamentos filosóficos de René Descartes, pretende-se analisar tais questionamentos, visando compreender de que forma os elementos presentes na trama distópica do filme se assemelham ou se distinguem da filosofia cartesiana, mais especificamente de sua busca pelo conhecimento claro e distinto e da dúvida metafísica.

## CAPÍTULO I

### Descartes e a dúvida metafísica

No presente capítulo será abordado o contexto histórico no qual vivia o filósofo René Descartes (1596 – 1650). Este cenário é demasiadamente importante para a compreensão do método cartesiano, e de como este foi um divisor de águas entre a filosofia medieval e a filosofia moderna, inaugurada pelo mesmo. Além disso, será feita uma análise da dúvida metafísica cartesiana, explorando os principais argumentos utilizados pelo ceticismo metodológico desenvolvido pelo filósofo, a fim de afastar falsas opiniões e estabelecer verdades seguras nas ciências. Dessa forma, neste capítulo, será explorado o caminho que Descartes percorreu até estabelecer o *cogito*, modelo de certeza a ser buscado em seu método, e a partir disto, como superou as dúvidas anteriormente suscitadas, bem como as provas da existência de Deus.

#### 1.1. Contexto histórico

René Descartes (1596 – 1650) é um dos grandes nomes da História da Filosofia. Nascido na França e tendo percorrido diversos países em sua trajetória acadêmica, Descartes e sua filosofia contribuem demasiadamente com o pensamento moderno. Ainda que em seu tempo o filósofo não tenha alcançado o reconhecimento e status que esperava, a filosofia cartesiana é imprescindível, dando ao filósofo o justo título de pai do racionalismo.

O contexto histórico geral no qual Descartes se encontrava era conturbado, entretanto, essa mesma conturbação fez com que o ambiente fosse propício ao surgimento de uma nova forma de pensar e filosofar. No início do século XV, o pensamento medieval começa a declinar. A maneira através da qual se obtinha conhecimento foi distanciando-se do pensamento estritamente teológico. A filosofia, que tinha lugar sobretudo nos mosteiros e ordens religiosas, começa a ocupar outros espaços.

O Renascimento coloca em voga conceitos como antropocentrismo e humanismo, dando centralidade ao papel do homem. Aliado a isso, a Revolução Científica chega para fortalecer tais ideias. Nicolau Copérnico dá luz ao modelo heliocêntrico, que determinava o

sol como o centro do universo, caminhando contra os postulados estabelecidos na época, e desafiando a Igreja. Neste contexto, a motivação da Revolução Científica era de transformar o método utilizado para se obter conhecimento, modificando as ferramentas ultrapassadas e as transformando em um método mais prático, empírico e por consequência, científico.

Devido à Revolução Científica e ao novo método de obtenção de conhecimento, a Igreja e o pensamento medieval perdiam cada vez mais a credibilidade, dando lugar ao conhecimento obtido por métodos científicos e empíricos, que passaram a ter grande reconhecimento. É o exemplo dos Reformistas, que acreditavam que o conhecimento científico poderia trazer esclarecimentos em relação a questões ligadas à natureza de Deus.

Em meio à efervescência de tantos eventos responsáveis por moldar o pensamento Moderno, a Reforma Protestante também foi um marco histórico de relevância inegável. Seu estopim ocorreu no ano de 1517, quando um monge e professor de teologia chamado Martinho Lutero apresentou à Igreja Católica e ao Papa suas noventa e cinco teses, que demonstravam sua insatisfação com alguns critérios e práticas abusivas impostos pelo clero.

De acordo com Richard H. Popkin, em sua obra *História do Ceticismo de Erasmo a Espinosa*, antes de se tornar um líder da Reforma, Lutero, em um de seus primeiros protestos contra a autoridade da Igreja Romana, já questionava acerca dos critérios por ela adotados. Além disso, no ano de 1520, ele propôs um *Manifesto à nobreza alemã e à Igreja no cativeiro da Babilônia*. Nesse manifesto, Lutero negava a regra de fé da Igreja, apresentando um critério sobre o conhecimento religioso completamente distinto e radical, assim deixando de ser um Reformador e tornando-se o líder da revolta intelectual que abalaria os fundamentos da civilização ocidental.

Em seu Manifesto, Lutero contestou a autoridade Papal, negando que esta pudesse ser a única autoridade nos assuntos religiosos, e defendia veementemente que todos os cristãos teriam capacidade suficiente para discernir e julgar o que é certo ou errado em relação à própria fé. Desta maneira, Lutero pretendia instaurar um novo critério para a fé (ou conhecimento religioso), que consistia em afirmar que tudo aquilo que a consciência é compelida a acreditar ao ler as Escrituras seria considerado verdadeiro.

Em consequência dos questionamentos de Lutero acerca da Igreja, o critério de fé ortodoxo se torna passível de dúvida. Se os critérios utilizados para a regra de fé fossem falhos, isso significaria que teriam de ser substituídos por outros novos critérios, e isso negava

a tradição ortodoxa de séculos. Mas de que maneira seria possível reconhecer e validar um bom e verdadeiro critério? A Igreja alegava que o critério proposto por Lutero levaria à anarquia religiosa, e que a consciência de cada um não tinha capacidade intelectual, moral e religiosa de discernir o verdadeiro do falso quanto à fé e às Escrituras.

Tal debate acarretou no surgimento de um pensamento cético em alguns Reformadores. No ano de 1534, Erasmo de Rotterdam criticou o critério de livre arbítrio proposto por Lutero, pois não havia tanta clareza nas Escrituras, afirmando que preferia suspender seu juízo, assim como faziam os pensadores céticos, pois para ele a crença é demasiadamente difícil de julgar para homens comuns, então, permaneceria em uma atitude cética interior, porém, exteriormente, aceitando a sabedoria da Igreja.

O problema e a busca por um critério de fé perdurou e foi de grande relevância dentro do contexto da Reforma Protestante, contudo, foi resolvido de diferentes formas durante o século XVI: se por um lado temos a solução cética proposta por Erasmo, por outro lado, há uma solução razoável proposta por Sebastian Castellio, que admite que nunca poderíamos ter absoluta certeza sobre as questões religiosas.

A crescente ascensão do ceticismo e esse constante debate durante a Reforma preocupou muitos pensadores da época, e o período por volta do ano 1628 foi, segundo Popkin (2000), o auge da *cryse pyrrhoniene*.<sup>1</sup> Os problemas acerca da Reforma influenciam fortemente Descartes a propor um método filosófico mais eficiente, por considerar que durante toda sua vida recebera opiniões duvidosas como verdadeiras, e que, mais tarde, a partir dessas opiniões, desenvolveu um conhecimento ancorado em princípios não seguros. Assim, como a ruína de um prédio é causada pela fraqueza de seus alicerces, Descartes vê a necessidade de utilizar um método para desfazer-se de suas antigas opiniões e conseguir estabelecer algo de firme nas ciências.

Dessa forma, na busca de se desfazer de tudo aquilo que fosse passível de dúvida no âmbito das ciências, Descartes utiliza o ceticismo como seu método, publicando pela primeira vez a obra *O Discurso do Método* (1637), que alcançou grande repercussão entre filósofos e reformadores. O ceticismo era considerado perigoso, tanto para o pensamento científico, quanto para o pensamento religioso. Embora Descartes tivesse conhecimento sobre o

---

<sup>1</sup> O conceito da crise pirrônica é utilizado pelo pensador Richard H. Popkin, no entanto, há outros pensadores que discordam e não fazem uso desta terminologia, como, por exemplo, Michel de Montaigne e Gottfried Wilhelm Leibniz.

ceticismo, e fosse erroneamente,<sup>2</sup> por vezes, considerado um filósofo cético, seu objetivo era derrubar todas as dúvidas levantadas pelo ceticismo estabelecendo conhecimento absolutamente verdadeiro: “Antes de Descartes existiram céticos, mas que eram apenas céticos. Descartes ensinou à sua época a arte de fazer com que o ceticismo desse à luz a certeza filosófica.” (Phanjas, 1779 apud Popkin, 2000, p. 271).

Com isso, segundo Popkin, almejando resolver os problemas da *cryse pyrrhonienne*, Descartes pretendia não apenas eliminar as dúvidas que provinham do ceticismo, mas também conceber uma filosofia adequada ao pensamento cristão e ao pensamento moderno e científico do século XVII. Para Descartes, os céticos duvidavam apenas por duvidar, de forma que permaneciam sempre em estado de incerteza, já que seus questionamentos não proporcionaram certeza filosófica alguma e, tampouco, poderiam libertá-los de suas próprias dúvidas. Alguns pensadores céticos acreditavam que ao duvidar completamente de todas as coisas, suspendendo seus juízos e mantendo sempre suas mentes vazias de certezas, estariam livres para receber a verdade da Revelação. Entretanto, de acordo com a concepção cartesiana, “O cético ou o pirrônico duvida de tudo, porque ele totalmente deseja fechar seus olhos para a luz.” (Phanjas, p. 286-287).

Dessa forma, Descartes dá início ao que Popkin chama de revolução filosófica, aplicando o artifício da dúvida como um sistema, mas com o objetivo de estabelecer certezas, almejando alcançar um conhecimento tão certo e seguro que quaisquer suposições céticas não seriam capazes de abalá-lo. Descartes esperava que, ao utilizar o instrumento da dúvida, poderíamos nos livrar de preconceitos e falsas opiniões que nos cegavam. Seríamos então capazes de reconhecer a verdade que estava oculta em meio a tantas falsas opiniões.

Ao levar a dúvida ao extremo com o objetivo de encontrar um conhecimento indubitável, o filósofo ocasionaria, conseqüentemente, a derrubada total do pensamento cético. O método de duvidar teria a capacidade de negar falsos dogmas, pois estabeleceria uma verdade indubitável, e também negaria a si mesmo, pois, descobrindo a verdade inabalável, o pensamento cético e a dúvida cessariam. Assim, utilizando do artifício da dúvida para encontrar um conhecimento inquestionável e ao mesmo tempo colocar um fim à *cryse pyrrhonienne*, Descartes dá à luz ao *cogito*.

---

<sup>2</sup> Alinho-me aqui à interpretação cunhada por Popkin (2000).

Entretanto, Descartes e suas descobertas foram alvos de severas críticas de seus contemporâneos. Para alguns, Descartes era um perigoso pirrônico, pois levava dúvida a um patamar jamais antes conhecido. Para outros, Descartes era visto apenas como um dogmático mal sucedido em sua tentativa de estabelecer um conhecimento superior ao estabelecido pela filosofia tradicional.

As principais e mais duras críticas ao método cartesiano vieram do padre Bourdin<sup>3</sup>. Bourdin escarnecia da teoria de Descartes e afirmava que seu método era inteiramente negativo. Isso significava que todos os meios de encontrar a verdade haviam sido ignorados, e, por tal natureza negativa do método, o padre considerava impossível que Descartes pudesse alcançar certezas. Outro detalhe no método cartesiano que desagradava o padre era que ele acabava rejeitando toda a filosofia que era tradicionalmente aceita, principalmente a filosofia aristotélica, já que o método de Descartes requeria que ele abandonasse todos os dados sensoriais e os silogismos, que por sua vez eram considerados os únicos meios possíveis para a busca do conhecimento. Para Bourdin, o método proposto por Descartes poderia evitar que adotássemos conceitos falsos como verdadeiros, e assim impedir que errássemos, entretanto, ao mesmo tempo evitaria que pudéssemos conhecer.

Outros pensadores adeptos ao modelo aristotélico atacaram o método cartesiano. Eles reconheciam que os dados sensoriais não eram totalmente eficazes para estabelecer conhecimentos indubitáveis, porém, era preciso aceitá-los se quisessem prosseguir almejando sucesso. Nesse sentido, Descartes teria eliminado os únicos meios para resolver o problema do conhecimento. Outros opositores tradicionalistas descreviam o método cartesiano como um ceticismo total, pois primeiro rejeitara o aristotelismo, e depois a principal fonte de todos os conhecimentos, todas as informações que obtemos dos sentidos e princípios básicos que eram obtidos por meios de raciocínios.

Segundo Popkin, Descartes tinha como objetivo encontrar uma certeza indubitável, que, por sua vez, resolveria não apenas a *crise pyrrhoniense*, mas também a crise intelectual da Reforma, que buscava uma nova norma de fé e conhecimento verdadeiro. No entanto, a teoria de Descartes encontrou obstáculos, uma vez que o método cartesiano revelou que as bases do conhecimento aristotélico eram suscetíveis a dúvidas e necessitavam ser questionadas. Apesar disso, assim como o conhecimento filosófico tradicional, a nova teoria de Descartes ainda dependia de pressupostos fundamentados na fé.

---

<sup>3</sup> Padre Bourdin é o autor das sétimas objeções feitas às *Meditações Metafísicas* de Descartes.

## 1.2. Das coisas que se podem colocar em dúvida

As *Meditações* de Descartes, são, sem dúvida, o ápice de sua filosofia. Utilizando o método previamente estabelecido em seu *Discurso do Método*, Descartes percorre um caminho no qual gradualmente aumenta seu conhecimento, para que possa assim chegar em seu ponto mais alto. Após acumular grande conhecimento no que concerne às letras, matemática, e as outras ciências no geral, e considerando ter idade suficiente para tal, Descartes resolve dedicar-se a não mais procurar saberes em outras ciências senão aquela que poderia encontrar em si próprio, concebendo assim as seis *Meditações* e suas investigações para encontrar o conhecimento claro e distinto.

Considerando que o método cartesiano utiliza do ceticismo, Descartes irá se dedicar a se desfazer de todas as suas antigas opiniões, pois elas poderiam não ser bem fundamentadas, e, almejando encontrar algo de firme nas ciências, não poderia utilizar como bases tais opiniões incertas. Dessa forma, como a ruína dos alicerces carrega todo o resto do edifício, aplicará o método aos princípios em que estavam fundadas estas antigas opiniões, assim estabelecendo a primeira regra do seu método: qualquer motivo de dúvida, ou algum sinal de falsidade que nestas opiniões encontrar, bastará para que as rejeite e as considere como completamente falsas.

O primeiro era o de jamais acolher alguma coisa como verdadeira que eu não conhecesse evidentemente como tal; isto é, de evitar cuidadosamente a precipitação e a prevenção, e de nada incluir em meus juízos que não se apresentasse tão clara e distintamente a meu espírito, que eu não tivesse nenhuma ocasião de pô-lo em dúvida. (Descartes, 1996, p.78).

Sendo assim, é possível perceber que Descartes irá analisar, inicialmente, aquelas ideias que se baseiam em dados provindos dos sentidos, o que faz com que modelo aristotélico, que defendia que conhecimento começa pelos sentidos, seja desafiado. Logo, o primeiro argumento de Descartes é do erro dos sentidos, que propõe: “Com efeito, tudo o que admiti até agora como o que há de mais verdadeiro, eu o recebi dos sentidos ou pelos sentidos. Ora, notei que os sentidos às vezes enganam e é prudente nunca confiar nos que, seja uma vez, nos enganaram.” (Descartes, 2004, p. 23).

O argumento do erro dos sentidos utilizado por Descartes também é muito utilizado pelos pensadores céticos, onde a dúvida é trabalhada em um terreno puramente epistemológico. Existem alguns exemplos que ilustram esse tipo de argumentação que ficaram conhecidos pela tradição filosófica: ao se imaginar remando um barco, quando o remo encontra-se dentro da água, pode parecer estar quebrado ou torto, no entanto, ao quando

está fora da água, o remo está reto; ao observarmos um navio no horizonte, é possível perceber que quanto mais ele se afasta, seu tamanho diminui, fazendo parecer que é muito menor do que realmente é, dentre vários outros. Visto isso, fica claro que no âmbito da dúvida epistemológica, a ideia é que nossas percepções sensoriais podem não refletir com precisão a realidade objetiva e, portanto, devemos questionar a confiabilidade do conhecimento baseado apenas em nossas experiências sensoriais.

Nesse primeiro momento, a dúvida dos sentidos se trata da incerteza em relação à qualidade desses objetos ou das coisas que recebemos pelos sentidos, no geral, como por exemplo, quando por ventura provamos algum alimento adocicado, mas por efeito de alguma enfermidade, o paladar então é modificado, tornando o alimento amargo. Descartes também cita o paladar utilizando o exemplo do veneno, pois, ao experimentar algo doce, associando este à algo bom, no entanto, aquele doce poderia estar contaminado com algum tipo de veneno imperceptível, então este fato passaria despercebido pelo crivo dos sentidos.

Isso quer dizer que existem divergências quanto à qualidade dos objetos e na percepção destas qualidades em relação à sua aparência. Dessa forma, os sentidos podem ser enganosos em situações consideradas adversas. No entanto, o argumento tem uma limitação, pois a dúvida dos sentidos parece não se sustentar em circunstâncias ideais. A partir disso, Descartes assume que, mesmo que os sentidos sejam enganosos, há coisas que razoavelmente não se pode duvidar. Assim, é preciso um argumento mais forte, que dê conta das situações que escapam ao erro dos sentidos.

Mas, talvez apesar de os sentidos nos enganarem às vezes acerca de coisas muito miúdas e afastadas, muitas coisas outras haja, contudo, sobre as quais não se pode de modo algum duvidar, não obstante hauridas dos sentidos. Por exemplo, que agora estou aqui, sentado junto ao fogo, vestindo esta roupa de inverno, tendo esse papel às mãos e coisas semelhantes. (Descartes, 2004, p. 23).

Assim, há elementos que permaneceriam, ao menos nesse momento, salvos da dúvida, pois ainda que as qualidades destes objetos sejam percebidas de uma maneira equivocada, não poderia, entretanto, negar a existência de suas mãos e seu corpo, a não ser que se equiparasse aos insensatos que tem seu cérebro perturbado pelos vapores da bile:

Em verdade, qual a razão para negar essas próprias mãos e todo esse meu corpo? A não ser que talvez eu me compare a não sei quais insanos cujo cérebro foi a tal ponto afetado pelo negro vapor da bília que constantemente asseveram ou que são reis, sendo paupérrimos, ou que se vestem de púrpura,



estano nós, ou que têm a cabeça feita de barro, ou que são inteiramente cabaças ou confeccionados de vidro. Mas eles são dementes, e não parecia menos demente do que eles, se neles buscasse algo como exemplo para mim. (Descartes, 2004 p. 23-24).

Surge então o argumento da loucura, ou do insensato. Ao negar aquilo de que não se poderia razoavelmente duvidar, Descartes se compara a aos loucos que, por terem o cérebro perturbado, acreditariam ser reis quando na realidade são muito pobres, e que estão vestidos cobertos de ouro, quando na verdade estão inteiramente nus.

Entretanto, não existe um consenso entre comentadores em relação ao argumento da loucura. Juliana Martins (2014)<sup>4</sup>, por exemplo, afirma que tal argumento não poderia ser aceito por se tratar de casos particulares. Assim, o argumento da loucura, como o próprio Descartes afirma, não teria força, pois supõe um estado extraordinário que acomete apenas algumas pessoas. Nesse sentido, ele não chega a ser propriamente um argumento pertencente à dúvida forjada por Descartes.

Já Ethel Menezes da Rocha (2011)<sup>5</sup> demonstrará que não há recusa do argumento da loucura, e que, na verdade, este é um recurso necessário para a dúvida cartesiana. De acordo com Rocha (2011) o argumento da loucura é utilizado por Descartes com o objetivo de constituir uma razão para duvidar que considere o sujeito que apreende, e as condições internas deste sujeito. Em consequência disso, além de não negar o argumento da loucura, Descartes irá utilizá-lo de uma forma mais radical, que se faz necessária para sua dúvida, visto que o argumento é considerado a primeira tentativa de Descartes de constituir uma razão para duvidar que leva em consideração as condições internas ao sujeito que percebe.

Assim, o louco é caracterizado como aquele que gera seus próprios dados sensíveis, ao invés de apreendê-los, e conseqüentemente não faz o uso pleno de sua razão. Descartes negará que possa agir como tais loucos, entretanto, após supostamente negar o argumento da loucura, o filósofo introduz o argumento dos sonhos. “ [...] Como se eu não fosse um homem, acostumado a dormir à noite e sentir nos sonhos todas essas mesmas coisas, e até menos verossímeis, do que eles em sua vigília!” (Descartes, 2004, p. 25).

Rocha (2011) reflete sobre o fato de que logo após o argumento da loucura ser supostamente negado, Descartes introduz o segundo grau da dúvida com o argumento dos

---

<sup>4</sup> Martins, Juliana. *A dúvida dos sentidos na primeira meditação como elemento fundamental para a compreensão das meditações metafísicas de Descartes*. Anais do seminário dos estudantes de pós-graduação em filosofia da UFSCar 2014 10ª edição

<sup>5</sup> Rocha, Ethel. *Notas sobre o argumento da loucura na primeira Meditação. Educação e Filosofia* Uberlândia v.25, N. Especial, p. 103-116, 2011.

sonhos. Neste, o filósofo admitiria que quando dormimos e sonhamos, somos capazes de representar as mesmas coisas que os loucos representam durante a vigília:

Em verdade, com frequência o sono noturno não me persuadiu dessas coisas usuais, isto é, que estava aqui, vestindo esta roupa, sentado junto ao fogo, quando estava, porém, nu, deitado entre as cobertas! Agora, no entanto, estou certamente de olhos despertos e vejo este papel, e esta cabeça que movimento não está dormindo, e é de propósito, ciente disso, que estendo e sinto essa mão, coisas que não ocorreriam de modo distinto a quem dormisse. Mas, pensando nisto cuidadosamente, como não recordar que fui iludido nos sonos por pensamentos semelhantes, em outras ocasiões! E, quando penso mais atentamente, vejo do modo mais manifesto que a vigília nunca pode ser distinguida do sono por indícios certos, fico estupefato e este mesmo estupor quase me confirma na opinião de que estou dormindo. (Descartes, 2004, p. 25).

Dessa forma, Rocha busca demonstrar que o argumento da loucura, onde os insensatos geram seus dados sensíveis pouco verossímeis, se torna parte do argumento dos sonhos, visto que Descartes afirma que quando sonha, é capaz de criar representações incompatíveis com a realidade, da mesma maneira que fazem aqueles que são loucos, todavia, o ato de sonhar ocorre naturalmente em todos os homens. Sobre isto, a comentadora afirma:

[...] através dessa hipótese Descartes introduz a possibilidade não de que alguns homens (aqueles cujo cérebro foi invadido pelos vapores da bilis), mas de que todos os homens fabriquem suas próprias percepções sensíveis e, conseqüentemente, introduz a possibilidade de que o que aparece aos homens como dados sensíveis seja nada além de invenção de suas mentes. (Rocha, 2011, p. 113).

De acordo com Rocha, o louco é visto como extravagante, ao passo que os sonhos são costumeiros, todos os homens costumam sonhar. Sendo assim, Descartes parece pretender recusar apenas parcialmente a hipótese da loucura, rejeitando apenas um aspecto, a saber, a idiosincrasia do louco.

Ao considerar o argumento da loucura como válido, e até mesmo necessário para a dúvida cartesiana, deve-se considerar também que Descartes estaria introduzindo uma possível disfunção interna ao sujeito da percepção, que possui a capacidade de gerar seus próprios conteúdos representativos como se estes fossem advindos do mundo eterno através da afecção dos sentidos. No entanto, quando temos um sonho pouco verossímil, ao acordar naturalmente associamos estes dados ao sonho, pois evidentemente se mostram distintos da

realidade. Por outro lado, os sonhos ordinários, que muito se assemelham à realidade, são perigosos, pois nos colocam em dúvida sobre qual seria a realidade.

Logo, com relação ao segundo grau da dúvida, o argumento dos sonhos, Descartes propõe que suponhamos que estamos adormecidos, e que estas particularidades em relação à nossa matéria física sejam uma ilusão, que nossas mãos e nosso corpo não são como vemos. Todavia, deve-se admitir que as coisas que representamos nos sonhos possuem algo de semelhante com aquilo que é real.

Assim, existem ainda coisas simples e universais que são verdadeiras e existentes. Não colocaremos em dúvida, portanto, coisas de “natureza simples”, a saber, figura, espaço, tempo e quantidade, pois são conceitos matemáticos. Deste modo, é possível afirmar que as ciências da natureza tratam de coisas muito gerais, e contém algo de certo e indubitável, pois estando acordado ou dormindo, dois mais três somam cinco, um triângulo possui três lados. A dúvida, portanto, ainda não afeta as verdades eternas, que se tratam de coisas muito gerais e conceitos matemáticos.

A partir deste momento, em seu terceiro grau, há a radicalização total da dúvida cartesiana, tornando-a hiperbólica, utilizando o argumento do Deus Enganador. Este argumento especula a possibilidade de haver um Deus que deseje que eu me engane, e que os céus e a terra não passem de falsas representações:

Entretanto, fixa em minha mente, tenho uma certa velha opinião de que há um Deus, que pode todas as coisas e pelo qual fui criado tal qual existo. Mas, de onde sei que ele não tenha feito que haja de todo terra alguma, céu algum, coisa extensa alguma, figura alguma, grandeza alguma, lugar algum e que não obstante eu sinta todas essas coisas e que no entanto, todas elas não me pareçam existir diferentemente de como me aparecem agora? (Descartes, 2004, p. 29).

Este argumento é capaz de atingir aquilo que é material e também o imaterial, sendo o grau mais elevado da dúvida. Sendo assim, poderia ocorrer que Deus desejasse que eu me enganasse todas as vezes que somasse dois mais três, e me enganasse até mesmo no que concerne àqueles conhecimentos mais gerais.

Todavia, a dúvida hiperbólica necessariamente negaria a soberana bondade de Deus, pois, se este fosse enganador, não poderia ser igualmente bondoso. Da mesma forma, também parece contrário à soberana bondade divina que Deus tenha permitido que sejamos enganados apenas algumas vezes, em determinadas ocasiões. No entanto, Descartes afirma não ser capaz de duvidar que Ele permita que isso ocorra. As verdades eternas são assim intituladas pois

existem ao mesmo tempo que a criação da humanidade, e dessa forma, a metafísica é eterna apenas do ponto de vista humano. Portanto, é preciso admitir que as verdades eternas são dependentes de Deus, pois ele as criou, e assim como um monarca poderia mudar as leis de seu reino se assim desejasse, assim também é Deus.

Descartes afirma ainda que haverão pessoas que vão negar a existência Dele, ao invés de acreditar que todas as outras coisas são incertas, entretanto é certo que falhar ou enganar-se é uma imperfeição, e quanto menos poderoso for o autor de sua origem, mais imperfeito será e mais vezes poderá cometer enganos. Todavia, não encontrando nada do que não possa duvidar, Descartes então suspende o juízo sobre tais pensamentos, para que possa encontrar algo seguro nas ciências, de forma que não seja passível de dúvida até mesmo para aqueles que negam ou não creem na existência de Deus.

Contudo, a possibilidade de que Deus seja enganador parece não ter força o suficiente para superar a probabilidade de que ele não seja. Em outras palavras, mesmo que seja possível que Deus me engane sempre, essa possibilidade é pouco provável. Sendo assim, Descartes afirma que é necessário se lembrar dos motivos que o levam a duvidar, visto que facilmente poderia recair em suas antigas opiniões e aceitar aquilo que é mais provável.

Visando manter o estado de dúvida total, Descartes então irá supor que não Deus, mas sim um Gênio Maligno ardiloso e poderoso, que está empregando sua indústria para enganá-lo, e que todas as coisas exteriores são ilusões e enganos que ele se utiliza para tal.

Suporei, portanto, que não há um Deus ótimo, fonte soberana da verdade, mas algum gênio maligno, e, ao mesmo tempo sumamente poderoso e manhoso, que põe toda sua indústria a que me engane: pensarei que o céu, o ar, a terra, as cores, as figuras, os sons e todas as coisas externas nada mais são do que ludibrios dos sonhos, ciladas que ele estende à minha credulidade. Pensarei que sou eu mesmo desprovido de mãos, de olhos, de carne, de sangue, de sentido algum, mas tenho a falsa opinião que possuo tudo isso. Manter-me-ei obstinadamente firme nesta meditação, de maneira que, se não estiver em meu poder conhecer algo verdadeiro, estará em mim pelo menos negar meu assentimento aos erros, às coisas falsas. Eis por que tomarei cuidado em não receber em minha crença nenhuma falsidade, a fim de que este enganador, por mais poderoso e astuto que ele seja, nada possa me impor. (Descartes, 2004, p. 31- 33).

Em síntese, o argumento do Deus Enganador tem como consequência tornar todas as coisas passíveis de dúvida. Todavia, mesmo que tudo seja inconfiável ou incerto, e não seja possível possuir total clareza e distinção a respeito destas, ainda há uma forte probabilidade que mesmo que duvidosas, estas coisas sejam verdadeiras. É naturalmente mais fácil aderir a

algo muito provável a considerar a possibilidade da dúvida. Assim, para superar a adesão à probabilidade destas serem verdadeiras, surge o Gênio Maligno.

De acordo com interpretação estabelecida por Henri Gouhier (1954) (e aceita por grande parte da tradição interpretativa cartesiana), Descartes estabelece o Gênio Maligno como um artifício psicológico e não propriamente um argumento. Visto que as dúvidas estabelecidas pelo Deus Enganador não se sustentam por si mesmas, Descartes transforma essa dúvida em uma negação, levando o ceticismo a um novo patamar jamais visto, supondo que há um enganador muito poderoso e ardiloso que utiliza de todo seu poder para enganá-lo, torna aquilo que antes era passível de dúvida em algo absolutamente falso. Em outras palavras, o Gênio Maligno transforma toda incerteza provinda da possibilidade de um Deus Enganador, em absoluta falsidade.

Embora exista essa compreensão de que o argumento do Deus Enganador e o artifício psicológico do Gênio Maligno representam coisas distintas, tanto em propósito como em conceito, não há consenso absoluto entre comentadores cartesianos acerca desta interpretação. Tendo isso em vista, visando cumprir os propósitos desta monografia, trataremos ambos como equivalentes.

Logo, Descartes pretende se apegar a esse pensamento, e não podendo encontrar nenhuma verdade, suspende então seu juízo. Cuidará de não receber em sua crença nenhuma falsidade e irá preparar seu espírito para que este Enganador não possa lhe impor algo. No entanto, Mesmo dedicando-se a blindar seu espírito das ilusões do Gênio Maligno, suspendendo seus juízos, Descartes afirma que:

Mas esse propósito é laborioso, e certa desídia desenvolve-me à vida de costume. E, não diferentemente de um prisioneiro, desfrutando talvez em sonho de uma liberdade imaginária, quando começa em seguida a desconfiar de que está dormindo, teme despertar, e por prudência passa a ser conveniente com as doces ilusões, a fim de que o logrem por mais tempo, assim eu volto também a recair espontaneamente em minhas inveteradas opiniões, receio acordar de medo que a vigília laboriosa, que venha a suceder o sossegado repouso, não transcorra de agora em diante, não sob alguma luz, no conhecimento da verdade, mas em meio às inextricáveis trevas das dificuldades que acabaram de ser suscitadas. (Descartes, 2004, p. 33).

Neste momento, é válido ressaltar a inovação do pensamento cartesiano, que utilizando-se do do Gênio Maligno, eleva o ceticismo a um grau de radicalidade jamais visto anteriormente.

De acordo com Luiz Bicca (2013)<sup>6</sup>, no ceticismo antigo, o objeto principal dos questionamentos dos pensadores desta vertente não dizia a respeito de questões acerca do espírito: “eles jamais manifestaram, por exemplo, algo como a hipótese do solipsismo, segundo a qual só o nosso próprio espírito existiria ou então que somente sobre ele poderíamos ter algum conhecimento.” (Bicca, 2013 p. 69.). Sendo assim, no ceticismo antigo se duvidava de crenças de um modo geral, e pretendiam não somente demonstrar que estas eram incertas, mas também livrar-se destas com a suspensão do juízo, e como consequência disto, “os antigos cétricos adotavam um modo de vida ou de ser que não promovia nenhuma ruptura entre teoria e prática, conhecimento e ação, tornando dessa forma efetivo um *ethos*, afinal, coerente com a filosofia deles.” (Bicca, 2013, p. 70).

No entanto, no ceticismo moderno, os questionamentos passam a ser acerca da certeza de nossos conhecimentos, problematizando evidências sem fontes racionais, particularmente a crença no mundo exterior e suas justificações, porém, sem afetar a prática da vida cotidiana. Sendo assim, no ceticismo moderno há o questionamento da validade de afirmações e crenças, mas tal investigação não era levada como um modo de vida onde predomina a suspensão dos juízos.

[...] o ceticismo moderno, por outro lado, é dito ser uma preocupação essencialmente metodológico-epistemológica, com a vantagem que, diversamente dos antigos, os modernos estariam mais à vontade (com todo este seu mais radical ceticismo) em seu próprio agir, imunes à tradicional acusação de condenados à inatividade (a clássica objeção de apraxia). (Bicca, 2013, p. 70).

A apraxia é uma acusação tradicional quando trata-se do ceticismo antigo, especialmente aos pirrônicos. Pois, considerando a suspensão do juízo e a dúvida constante, para alguns filósofos e estudiosos, assim como Bicca (2013), a apraxia ou a incapacidade de agir é uma das principais características do ceticismo antigo. No entanto, é válido ressaltar que a acusação de apraxia a respeito do ceticismo antigo, pode ser considerada injusta. Em resposta, Sexto Empírico<sup>7</sup>, um dos principais representantes do ceticismo antigo, rebateu as acusações de apraxia, demonstrando que há, na verdade, critérios para a ação, a saber, os fenômenos, as necessidades naturais do corpo, entre outros.

Descartes utilizou o ceticismo como uma ferramenta metodológica, não como um fim em si mesmo, como vemos no ceticismo anterior à ele, e principalmente no ceticismo antigo. Ele aplicou essa dúvida de maneira sistemática para questionar a existência do mundo externo

---

<sup>6</sup> Bicca, Luiz. *A questão do alcance e da radicalidade do ceticismo antigo*, 2013.

<sup>7</sup> Empírico, Sexto *hipotiposes pirrônicas, X e XI* (1996).

e até mesmo de seu próprio corpo, elevando assim o grau de radicalidade do ceticismo a um nível jamais realizado.

A dúvida hiperbólica, ou a possibilidade de um Deus Enganador, em conjunto com o Gênio Maligno, cuja função é sustentar a possibilidade de que a realidade de que tudo aquilo que vemos, o mundo que percebemos, e todas as outras coisas, são ilusões forjadas, demonstram o uso do ceticismo de maneira radical. Essa radicalidade fica mais evidente compreendendo que este foi utilizado de maneira estritamente metodológica, a fim de encontrar uma verdade clara e distinta. De acordo com M.F Burnyeat (1982)<sup>8</sup> Descartes tinha uma apreciação vívida das maneiras pelas quais seu pensamento transcende as limitações da tradição antiga, a saber:

Em resumo, não é por acaso que na filosofia de Descartes os seguintes elementos são encontrados em estreita associação: dúvida hiperbólica e o problema da existência do mundo externo, conhecimento e verdade subjetivos, o dualismo que faz do próprio corpo parte do mundo externo - e a refutação da antiga tradição cética. Todos esses elementos são substancialmente novos com Descartes, e derivam da seriedade (em um sentido) com que ele tratou os materiais céticos tradicionais. É essencial aqui que essa seriedade seja inteiramente metodológica. Descartes várias vezes associa sua insistência em levar a dúvida até onde for possível para os propósitos do projeto de Investigação Pura com uma firme rejeição à ideia de tentar levar o ceticismo para assuntos práticos da vida. (Burnyeat, 1982, p. 39).

Fica claro, portanto, que os artifícios empregados por Descartes, bem como o ceticismo metodológico, se fazem essenciais na busca pela verdade clara e distinta, e para além disso, estes são utilizados de maneira inovadora e inédita, ultrapassando os limites do ceticismo antigo, e também os do chamado ceticismo renascentista, presente nos séculos VI e XVII, e, dessa forma, Descartes inaugura então o que hoje é conhecido como ceticismo moderno.

### **1.3. Das Meditações seguintes**

Antes de prosseguir, é necessário explorar brevemente o que é estabelecido por Descartes no restante das *Meditações*. Isso porque a forma como Descartes responde à dúvida

---

<sup>8</sup> Burnyeat, MF *Idealism and Greek Philosophy: What Descartes Saw and Berkeley Missed* (1982).

previamente instaurada e estabelece as bases para o conhecimento verdadeiro são elementos importantes quando se trata do legado cartesiano e da continuidade da repercussão de sua dúvida radical. É possível dizer, como afirma Popkin (2000) que a parte destrutiva da filosofia cartesiana é muito mais consistente do que a parte construtiva, levando Descartes a se tornar um cético “malgré lui”, ou um cético apesar dele mesmo.

Assim que apresentou sua conquista do dragão cético, Descartes logo se viu denunciado tanto como um perigoso pirrônico quanto um dogmático malsucedido cujas teorias eram apenas fantasias e ilusões. Os pensadores ortodoxos e tradicionais consideraram Descartes como um cético vicioso porque seu método da dúvida negava a base do sistema tradicional. Portanto, apesar do que ele próprio dizia, Descartes foi considerado o ponto culminante de dois milênios de pensamento pirrônico, desde Pirro de Elis, todo ele dedicado a tentar minar os fundamentos do conhecimento racional. Aqueles que tinham inclinações cétricas por sua vez não consideravam Descartes como um dos seus, e procuravam mostrar que ele não havia conseguido nada, e que todas as suas afirmações eram apenas opiniões e não certezas. Questionavam assim todo o *cogito* (e mesmo o próprio *cogito*) de modo a afogar o heroico Descartes no poço da incerteza. Os dogmáticos atacaram sobretudo a *Primeira Meditação*, pois aí se encontrava o mais forte argumento pirrônico, o qual, uma vez admitido, eles percebiam que não poderia ser superado. Os cétricos atacavam o restante das *Meditações* como um duvidoso *non-sequitur* à *Primeira Meditação*. (Popkin, 2000, p. 301).

Os resultados da primeira *Meditação* de Descartes atingiram o mais alto grau da dúvida. Mesmo que a probabilidade de haver um Deus Enganador fosse ínfima, a dúvida cartesiana havia atingido um ponto crucial, onde não parecia haver clareza alguma a respeito de qualquer conhecimento.

Descartes, através do Gênio Maligno, passa a supor que todas as coisas que vê não são apenas duvidosas, mas falsas, e que seus sentidos, seu corpo, figura, extensão, movimento e lugar são apenas ficções de seu espírito. Entretanto, se persuadindo de que nada dessas coisas são verdadeiras, poderia se persuadir também de que não existe? Certamente que não. Se pode persuadir-se, ou mesmo pensar algo, é evidente que *é*, portanto, existe.

Em outras palavras, não há dúvidas em relação à própria existência, mesmo que haja um enganador muito poderoso, que emprega toda a sua indústria em enganá-lo sempre, não há a possibilidade de duvidar que *é*, de fato, alguma coisa, visto que *é* algo que pode ser enganado por outrem. Além disso, mesmo considerando estar sempre enganado e que não houvesse alguma coisa verdadeira, tal potência jamais poderá fazer com que ele nada seja, enquanto pensar ser alguma coisa. Dessa forma, conclui-se que a proposição *eu sou, eu existo*



é necessariamente verdadeira, dando luz, assim, ao fundamento inabalável do racionalismo cartesiano; *Cogito Ergo Sum*.<sup>9</sup>

Mas há um enganador, não sei quem, sumamente poderoso, sumamente astucioso que, por indústria, sempre me engana. Não há dúvida, portanto, de que eu, eu sou, também, se me engana: que me engane o quanto possa, nunca poderá fazer, porém, que eu nada seja, enquanto eu pensar que sou algo. De sorte que, depois de ponderar e examinar cuidadosamente todas as coisas, é preciso estabelecer, finalmente, que este enunciado, **eu, eu sou, eu, eu existo**, é necessariamente verdadeiro, todas as vezes que é por mim proferido ou concebido na mente. (Descartes, 2004 p.45.)

O *cogito*, então, se torna a primeira verdade inabalável e indubitável encontrada por Descartes. Levando em consideração o contexto histórico no qual Descartes e a sua filosofia estavam inseridos, é notória a extrema relevância dessa nova concepção, visto que o sujeito pensante, ou melhor, o “eu” se torna o centro do conhecimento. Além disso, a concepção do dualismo cartesiano, ou seja, a distinção do corpo e da alma (*Res Cogitans e Res Extensa*), representa de forma significativa a ênfase na razão.

Tendo em vista que na filosofia medieval, a concepção a respeito da natureza humana era de que o homem seria composto de corpo e alma, (ou espírito), logo, este espírito era tido como a parte divina do ser humano, visto que ele é uma criação de Deus, com perfeita harmonia entre ambos elementos, além de ter sido criado como a semelhança de seu criador. Descartes, introduzindo a separação clara e distinta entre alma e corpo, determinou o espírito como uma substância pensante, imaterial e totalmente independente do corpo, que é uma substância extensa e material. Da mesma forma, com a distinção da alma e do corpo, Descartes dá grande ênfase no pensamento racional, afirmando que a razão é a única fonte segura de conhecimento. Logo, com a nova perspectiva cartesiana sobre a relação da alma e do corpo, e com maior ênfase na autonomia da razão, o dualismo cartesiano representa a ruptura com o pensamento medieval.

Após estabelecer o *cogito*, Descartes continua sua investigação a respeito de sua própria natureza, estabelecendo uma regra geral que consiste em considerar como verdadeiro apenas aquilo que se apresentar de maneira clara e distinta. O *cogito* passa a ser o modelo de certeza a ser buscada.

---

<sup>9</sup> A expressão *Cogito, ergo sum* (Penso, logo existo) aparece na obra *Discurso do Método*, escrita em 1637. Descartes também aborda essa ideia nas *Meditações sobre a Filosofia Primeira* 1641, no entanto a expressão não aparece escrita da mesma forma. A formulação presente nas *Meditações* desfaz a ideia de que o cogito, conforme expresso no *Discurso*, seria um silogismo.

Sendo assim, o método cartesiano utilizou da dúvida hiperbólica para afastar todas as coisas que pudessem ser falsas, para estabelecer algo verdadeiro. Embora a hipótese do Deus Enganador fosse considerada pouco provável, para afastá-la completamente ainda era necessário examinar se realmente há um Deus e se este poderia ser enganador. Descartes passa, então, a investigar mais profundamente a natureza de seu ser. Logo, reconhece ser uma coisa pensante, isto é, que tem a capacidade de duvidar, de sentir, de querer e não querer, entre outras coisas.

Dessa forma, assumindo ter em seu espírito algumas ideias, busca então investigar a origem destas. Especialmente, irá analisar a origem da ideia de Deus, e se esta poderia, de alguma forma, ser produzida pelo seu próprio espírito. Com efeito, essa ideia está atrelada a diversas qualidades, a saber, que esse Deus seria uma substância infinita, eterna, imutável, onisciente, onipotente. Descartes reconhece a grandeza dessas qualidades da qual possui a ideia, como também reconhece não as possuir em si mesmo.

Consequentemente, esta ideia de um Deus, que é dotado de todas estas qualidades, seguramente deve possuir em si mais realidade objetiva do que as outras ideias que se manifestam em uma substância finita. Além disso, Descartes assume também que esta ideia não poderia ser factícia, ou ter sido criada, visto que, não poderia dar a luz a uma ideia se, porventura, não possuísse aquelas qualidades pertencentes a esta ideia, pois isto contraria o princípio da causalidade. Por conseguinte, se faz necessário a existência de um ser superior, causa dessa ideia que possui em seu espírito, de forma que não poderia aprendê-la pela experiência, tampouco ser ele mesmo o criador desta. Essa ideia de Deus é clara e distinta, e contém em si o máximo de realidade objetiva. Fica claro, portanto, que a causa da ideia de Deus é o próprio Deus. Dessa forma, fica representada, então, a primeira prova da existência de Deus, mais conhecida como a prova causal.

No segundo momento da prova causal da existência de Deus, Descartes busca compreender a causa de seu ser, ou melhor, da própria substância pensante que possui em si esta ideia de Deus. Logo, analisa se seu ser poderia ser independente de qualquer coisa, ou ser a própria causa de si mesmo. No entanto, deve admitir que não seria possível que ele mesmo tenha sido a causa de seu próprio ser, pois é um ser finito e, considerando suas próprias imperfeições, falhas e dúvidas, conclui que, se fosse ele mesmo o responsável por sua criação, causaria também em si mesmo todas aquelas virtudes das quais possui a ideia, por exemplo, perfeição e infinitude. Sendo este o caso, seria ele mesmo Deus.

Todavia, para ser considerado Deus, ou o criador de outrem, se faz necessário possuir também o poder de conservação, e se o possuísse, como um ser pensante, teria também a consciência de o possuir, o que leva à conclusão de que, visto não possuir tal qualidade, depende então de algo exterior. Desse modo, a causa final de seu ser é Deus. Logo, “[...] deve-se concluir só pelo fato de que existo e de que há em mim certa ideia de um ente perfeitíssimo, isto é, de Deus, fica demonstrada, de maneira evidentíssima, que Deus também existe.” (Descartes, 2004, p. 103).

Por fim, Descartes procura examinar de onde vem a ideia de Deus, já que não a apreendeu por via dos sentidos, e da mesma forma, não poderia ter criado essa ideia por si mesmo, visto que a esta nada pode acrescentar ou retirar, e também não possui em si mesmo as qualidades inerentes a essa ideia. Pois, refletindo a respeito de sua própria natureza, reconhece ser uma coisa incompleta e imperfeita e dependente de outrem.

Dessa forma, admite que a ideia de Deus é inata, existindo em si mesmo desde o momento de sua criação. Sendo assim, a ideia de Deus é a marca de sua criação, ele tem todas aquelas perfeições que acessamos, mas não as possuímos, demonstrando assim também que Deus não poderia ser enganador, visto que a ideia inata dele não inclui nenhuma imperfeição. Logo, também não seria possível ter em mim a ideia inata de Deus se ele realmente não existisse, portanto, mais uma vez prova-se necessariamente a existência de Deus.

Já em sua quarta *Meditação*, Descartes analisa que é impossível que Deus seja enganador, visto que em toda fraude e embuste se encontra algum modo de imperfeição. E, mesmo que poder enganar seja um sinal de sutileza ou de poder, todavia enganar propositalmente demonstra indubitavelmente fraqueza ou malícia, de forma que estas características são contrárias à perfeição divina e, portanto, não se pode encontrar em Deus. Questiona então, qual seria a natureza de seus erros. Conclui que, sendo sua a vontade muito mais ampla que seu o entendimento, ela se perde muito facilmente e escolhe o mal pelo bem, ou o falso pelo verdadeiro, o que faz com que sejam cometidos enganos. Assim, Deus não é culpado pelos nossos erros, nós somos responsáveis e podemos evitá-los. Basta suspender o juízo quando a vontade vai além do entendimento, evitando assim julgar sobre o que não tenho conhecimento claro e distinto.

Em sua quinta *Meditação*, Descartes busca analisar a essência das coisas materiais e acaba oferecendo assim mais uma prova da existência de Deus. A prova ontológica da existência de Deus parte do pressuposto que, assim como as verdades eternas, Deus e suas

características, incluindo a própria existência, são concebidos de maneira clara e distinta. Portanto, sendo Deus e seus atributos, principalmente a existência, tão evidentes quanto as propriedades da matemática, fica claro que a essência de Deus não poderia ser concebida sem a sua existência. Já que, segundo a regra de clareza e distinção, tudo o que percebo clara e distintamente como pertencendo a alguma coisa, pertence deveras a essa coisa. Se tenho a ideia clara e distinta da perfeição como um atributo divino, e a existência, por sua vez, é um dos atributos da perfeição, Deus existe necessariamente.

Logo, é necessário reconhecer mais uma vez que de fato, há um Deus, e a este Deus todas as coisas dependem. Além disso, é evidente que ele não é enganador, visto que sua natureza é perfeita, logo, é contrária ao adjetivo ‘enganador’. Desse modo, baseando-se na existência de Deus, é possível afirmar que tudo aquilo que é concebido pela consciência de forma clara e distinta, é, senão, verdadeiro, pois, com o critério de compreensão baseado na clareza e distinção, não há, então, razão para duvidar, tendo assim, ciência certa e verdadeira.

Após provar a existência de Deus, e tendo estabelecido o critério de clareza e distinção, em sua sexta *Meditação*, Descartes procura então examinar a existência das coisas materiais, considerando aquelas coisas que conhecia através dos sentidos, e que acreditava serem verdadeiras antes de afastá-las e considerá-las como falsas, de acordo com a regra geral de clareza e distinção estabelecida pelo método.

Tratando a respeito de sua natureza corpórea, além de sentir que possuía um corpo, e que este fazia parte de si mesmo como um todo, também percebia que este estava situado dentre muitos outros corpos, sendo capaz de experimentar diversas sensações, como o prazer e a dor, bem como as demais necessidades físicas de um corpo, como fome e sede, e para além disso, seu corpo também sofria com sensações, tais como a dor ou a prazer.

Além disso, era possível perceber que esse corpo também poderia ser afetado por fatores externos, a saber, a percepção de luzes, sons, odores, e demais impressões tão variadas que o forneciam os meios para distinguir tais corpos uns dos outros. Ademais, essas ideias em relação a tais fatores externos, se apresentam a sua mente sem qualquer consentimento, e, da mesma forma que não poderia escolher quais impressões ou objetos poderia sentir se este não se apresentasse a algum de seus sentidos, também não poderia deixar de percebê-los caso estivesse presente.

Descartes analisa que é plausível crer na existência de seu corpo, e que este o pertence, de forma que é por seu intermédio que recebe todos seus apetites e afecções, ainda que seja necessário admitir que muitas experiências o fizeram desacreditar aquilo que provinha dos sentidos. Dentre as razões para duvidar do sentidos, Descartes destaca duas principais:

A primeira é que nunca acreditei nada sentir acordado, que não pudesse também acreditar sentir, alguma vez, dormindo. E, como não creio que as coisas que me parecem sentir dormindo provenham de coisas postas fora de mim, não via razão para que devesse acreditar nisso, relativamente às coisas que me parece sentir acordado. A segunda causa reside em que, por ignorar até agora ou pelo menos fingir que ignoro o autor de minha origem, nada via que pudesse obstar a que a natureza me tivesse feito de modo que me enganasse, mesmo nas coisas que me parecem as mais verdadeiras. (Descartes, 2004, p. 167).

Nesse trecho, é possível perceber que a dúvida que Descartes tinha a respeito de distinguir a vigília do sono ainda não foi completamente afastada. No entanto, após conhecer com clareza e distinção o seu criador, admite que não deve portanto, colocar em dúvida todas as coisas que provém dos sentidos, visto que as coisas que pode conceber de forma clara e distinta, podem ser produzidas por Deus tais como as concebe, então basta que eu conceba uma coisa clara e distintamente para considerá-la como verdadeira.

Pois, reconhecendo em si mesmo faculdades, como por exemplo, a mudar de lugar e colocar a si mesmo em diversas outras posturas, bem como a faculdade passiva de sentir, ou seja, de receber as coisas sensíveis, fica claro que tais faculdades devem necessariamente estar conjugadas a alguma substância corpórea ou extensa, e não somente a uma substância inteligente, admitindo assim a veracidade das coisas corpóreas.

Mas, como não é enganador, é de todo manifesto que Deus não põe por si, imediatamente, essas ideias em mim, nem mediante alguma criatura que contivesse não formalmente, mas só eminentemente, a realidade, que nelas, é objetiva. Pois, como ele não me deu nenhuma faculdade para o reconhecer, e ao contrário, deu-me uma grande propensão a crer que elas são emitidas das coisas corporais, não vejo razão por que não o possa entender enganador, se essas ideias forem emitida de alhures que não das coisas corporais. Por conseguinte, é preciso confessar que as coisas corporais existem. (Descartes, 2004, p. 171-173).

Portanto, Descartes conclui que as coisas corpóreas existem, embora, admita que estas possam não ser exatamente como apreendemos através dos nossos sentidos, visto que nossa percepção dos sentidos é muito obscura e confusa em muitas coisas. No entanto, é certo que apreende a partir de sua própria natureza, a saber, que possui um corpo, e que este pode sentir

mal ou bem estar, entre outras as demais necessidades, e dessa forma, não há como negar ou duvidar que este corpo existe e lhe pertence.

Porém, mesmo considerando os conhecimentos provenientes dos sentidos como coisas muito duvidosas e incertas, Deus não é de modo algum enganador. Em consequência disso, Ele não permitiria que pudesse haver falsidade constante em suas opiniões. Portanto, não há como estar sempre enganado acerca daquilo que apreende-se através dos sentidos. Embora seja necessário admitir que ordinariamente, é comum cometer certos enganos, devido a imperfeição de nossa própria natureza. No entanto, é seguro considerar que possui uma maneira eficaz de conhecer aquilo que provém dos sentidos com certeza.

Pois, não há dúvidas de que as coisas que apreende a partir da natureza contém em si muita veracidade, de forma que por natureza em geral, deve-se conceber o próprio Deus, ou a ordem e disposição que Deus estabeleceu nas coisas criadas. Além disso, para Descartes, a natureza demonstra expressamente o fato de que possui um corpo, que sente dor quando está maldisposto, que tem necessidade de comer e de beber, e portanto não há dúvidas que isso seja verdadeiro.

Considerando as evidências provindas da natureza à respeito das coisas corpóreas, a saber, as necessidades como fome ou sede, por exemplo, demonstram que a alma e o corpo estão completamente conjugados e misturados, assim, compondo um único todo, de forma que todos esses sentimentos são o resultado da maneira confusa de pensar que provém da união e mistura entre o espírito e o corpo.

Dessa forma, tendo em vista a conjunção da alma e do corpo como um todo, fica claro, portanto, que haverá falhas ao formular juízos, visto que a união entre uma substância material e outra imaterial, inevitavelmente, apresenta falhas em alguns momentos. Ademais, a natureza humana não conhece inteiramente e universalmente todas as coisas, visto que o homem, sendo de natureza finita, não possui conhecimento de uma perfeição ilimitada, admitindo assim a possibilidade de falhar devido a sua própria imperfeição.

À respeito da distinção da vigília do sono, um dos principais motivos que levaram Descartes a duvidar do conhecimentos que provinham dos sentidos, é então possível analisar que os sentidos indicam mais ordinariamente o verdadeiro do que o falso, no que se refere às comodidades ou incomodidades do corpo, além disso, é possível utilizar a memória para ligar e juntar conhecimentos presentes e passados.

Mas as dúvidas hiperbólicas dos últimos dias devem ser rejeitadas como dignas de riso, principalmente, a maior delas, sobre o sono, que eu não distinguia da vigília. Pois, agora, noto que a diferença entre um e outra é muito grande: os sonhos nunca são conjugados pela memória como todas as restantes ações da vida, como sucede o que ocorre a quem está acordado. Pois, em verdade, se estou acordado e alguém de repente aparece e logo desaparece, como nos sonhos, isto é, em que eu veja de onde veio, nem para onde foi, eu deixaria de ter razão se o julgasse antes um espectro ou um fantasma, fantasiado em meu cérebro e semelhante aos que nele se formam enquanto eu durmo, do que um verdadeiro homem. Mas, quando em verdade, se me apresentam coisas em que noto distintamente de onde, onde e quando se me ocorrem e vejo um nexo ininterrupto de sua percepção com tudo o mais da vida, fico completamente certo de que ocorrem, não quando estou dormindo, mas acordado. (Descartes, 2004, p. 193).

Descartes acredita afastar assim, todas as dúvidas em relação a existência das coisas corpóreas. Admitindo que mesmo que o ser humano seja incapaz de apreender as coisas como realmente são, e por vezes cometa enganos, esses enganos provém de sua natureza imperfeita e finita, mas é inegável a existência das coisas corpóreas, visto que, por estas, deve-se conceber o próprio Deus. Ademais, também é evidente agora, a distinção entre vigília e sono, pois, sendo o ser humano dotado da memória e sendo capaz de interligar acontecimentos presentes e passados durante a vigília, afasta-se, por conseguinte, a possibilidade de estar sempre sonhando.

Sendo assim, Descartes elimina todas as dúvidas anteriormente colocadas, a saber, o erro dos sentidos, a incapacidade de distinguir a vigília do sono e a possibilidade de haver um Deus Enganador. Todavia, é preciso reconhecer que o homem está sujeito a falhar ocasionalmente, devido a união entre uma substância material e outra imaterial, o corpo e a alma. Dessa forma, enfim, é preciso admitir a fraqueza e a imperfeição de nossa natureza.

Após explorar a dúvida metafísica nas *Meditações*, é impossível não ressaltar a genialidade e inovação na busca pelo conhecimento feita por Descartes. Partindo do pressuposto que a ruína dos alicerces carrega todo o edifício, Descartes se desfaz de todas as suas opiniões, para que, quando encontrasse uma verdade clara e distinta, não houvesse a possibilidade dessa verdade estar embasada naquilo que é passível de dúvida. Dessa forma, Descartes lança mão do ceticismo metodológico, que consiste em utilizar a dúvida como um meio para estabelecer verdades baseadas em princípios sólidos e indubitáveis.

Ao utilizar o ceticismo metodológico em sua investigação, Descartes alcança o *cogito*. O *cogito* é um feito de extrema relevância para a história da filosofia. Com ele, é possível perceber a distinção do corpo e da alma, e além disso, demonstra claramente um marco no

desenvolvimento do pensamento moderno, visto que, com o *cogito*, dá-se autonomia e ênfase à razão, rompendo as barreiras da filosofia medieval.

Além disso, também é possível perceber que o pensamento cético estava em ascensão, devido a reforma protestante e a busca por um novo critério de fé. Descartes, ao utilizar do ceticismo radical como uma ferramenta para encontrar algo indubitável, foi certamente muito perspicaz, pois encontrou um conhecimento tão firme que nem os verdadeiros céticos poderiam duvidar. Embora haja discussões e debates acerca do *cogito*, ou até mesmo outras interpretações de como o “eu pensante” de fato é, é impossível negar completamente a proposição “penso, logo existo”, bem como seu impacto na filosofia e na sociedade.

Provando racionalmente a existência de Deus, e considerando que Ele não permitiria nosso engano constante, Descartes automaticamente também se desfaz da possibilidade do Deus enganador. Todavia, a prova causal da ideia de Deus pode ser facilmente questionada, pois, Descartes assume que todos os seres humanos nascem com a ideia inata de Deus, e inerente a esta ideia, vem os diversos atributos atrelados à sua perfeição. O filósofo John Locke<sup>10</sup> (1632-1704), considerado o pai do empirismo, nega as ideias inatas ao definir a mente humana como uma “tábula rasa”, ou uma folha em branco, na qual as experiências individuais e sensoriais vão deixando suas marcas.

Consequentemente, Locke negará também a ideia de um Deus perfeito, infinito e todas essas outras ideias que Descartes afirma possuir de forma inata em seu espírito. Pois, se esta ideia realmente fosse inata à mente humana, ela deveria, portanto, ser universalmente conhecida e aceita, mas há sociedades que possuem ideias diferentes do que seria Deus, ou consideram existir mais de um Deus, entre outras divergências. Assim, é necessário admitir que, mesmo que Descartes tenha utilizado de uma argumentação bem estruturada e de certa forma, convincente, a existência de Deus pode não ser aceita como um conhecimento claro e distinto.

Ora, se Deus não é de conhecimento claro e distinto, muitas outras coisas que baseiam-se nele podem ser colocadas em questionamento novamente. Para Descartes, Deus não poderia ser enganador, pois a ideia inata dele não inclui nenhuma imperfeição, todavia, se considerarmos a ideia de Deus cartesiana como factícia, construída com base no contexto em

---

<sup>10</sup> Locke, John. *Ensaio sobre o Entendimento Humano* 1689.



que ele estava inserido, é possível perceber que, mesmo sendo uma possibilidade demasiadamente improvável, Deus poderia ser enganador, ou até mesmo não existir.

Descartes também admite a veracidade das coisas corpóreas, e conclui que possui uma maneira segura de conhecer com certeza aquilo que provém dos sentidos, visto que Deus não permitiria o engano constante a respeito destas coisas. Considera ainda que não há dúvidas de que as coisas que apreende a partir da natureza contém em si muita veracidade, pois sobre a natureza em geral, deve-se conceber o próprio Deus, ou a ordem e disposição que Deus estabeleceu nas coisas criadas. Novamente, compreendendo que a ideia inata de um Deus soberanamente bom possui grande inconsistência, não há, portanto, uma maneira clara e distinta de conceber aquilo que provém dos sentidos. Portanto, a percepção sensorial ainda pode ser questionada em alguns aspectos, e o debate acerca daquilo que podemos conhecer com certeza através dos sentidos, ainda se faz necessário.

Descartes, questionando todas as coisas da maneira mais radical que podia, acabou criando um forte precedente para duvidar da realidade. Ao considerar a existência de um Deus enganador que o engana sempre, passa a pensar também que o céu, o ar, a terra, as cores, as figuras, os sons e todas as coisas externas, são apenas enganos, e assim consideraria também ser desprovido de mãos, de olhos, de carne, de sangue, de sentido algum, ao passo que possui apenas falsa impressão de os possuir. Em conclusão, Descartes acredita afastar por completo essa possibilidade de engano constante. Porém, considerando que afasta tais possibilidades embasadas na existência de um Deus soberanamente bom, e novamente considerando que a ruína dos alicerces carrega o edifício por completo, há ainda muito o que se investigar a respeito daquilo que consideramos real.

## CAPÍTULO II

### *Matrix* sob a lente da Filosofia

No presente capítulo será abordado primeiramente o contexto da sociedade durante o final da década de 90. Tendo em vista que esta década foi marcada por diversos avanços tecnológicos, conseqüentemente surgem também questionamentos acerca das relações dos indivíduos com a tecnologia, e neste contexto é lançado o filme *Matrix*, em 1999. Em segundo lugar, será explorada a trama do filme *Matrix*, criado e dirigido pelas irmãs Lily e Lana Wachowski, analisando as principais cenas, onde pode-se explorar tais questionamentos, bem como a utilização de elementos filosóficos para a construção desta obra. Por fim, explorar-se-á principalmente a relação de *Matrix* com a dúvida metafísica cartesiana, demonstrando que as principais partes da trama podem ilustrar os argumentos de René Descartes.

#### 2.1 *Matrix*

Marcado por ser um período de extrema importância para o avanço tecnológico, no final da década de 90 se desenvolviam ferramentas tecnológicas como por exemplo, o Wi-Fi (Wireless Fidelity), simultaneamente temos a popularização da internet, a inovação em dispositivos móveis, a robótica e a expansão da pesquisa acerca de Inteligências Artificiais (IA). Todavia, embora estes e outros avanços sejam de fato bons e importantes para a sociedade, lidar com essa transição tecnológica traz consigo alguns desafios.

Um dos principais desafios que surgiram com o avanço da tecnologia nos anos 90 foi a preocupação de que alguns sistemas se comportassem de maneira imprevisível, pois a sociedade ainda não tinha o total domínio sobre estes. O bug do milênio, também conhecido como Y2K<sup>11</sup>, foi um fenômeno global que gerou grande preocupação na virada do ano 1999 para 2000. Esse fenômeno ocorreu devido à preocupação de que determinados sistemas de software, que representavam o ano com apenas os últimos dois dígitos, interpretassem o número 00 como o ano de 1900, o que poderia causar falhas em sistemas importantes, tais quais os de finanças, sistemas de segurança, entre outros. Sendo assim, houve uma

---

<sup>11</sup> Em inglês, year 2k, ou, ano 2000.

mobilização mundial para corrigir esse problema antes da virada do milênio, de forma que os problemas esperados não chegaram a se concretizar.

Todavia, considerando que tamanha era essa preocupação mundial com a possibilidade de grandes falhas nos sistemas tecnológicos, e de que estas poderiam acarretar problemas econômicos, sociais, ou até mesmo um colapso em grande escala, o ano de 1999 foi marcado por uma grande desconfiança a respeito da tecnologia, gerando um estado de paranóia, e até mesmo medo. A essa altura, a sociedade se via cada vez mais dependente do uso da tecnologia em seu cotidiano. Embora não tivesse o total domínio sobre ela, pois estava em fase de desenvolvimento e poderia ser imprevisível, a sociedade ansiava cada vez seu desenvolvimento e o futuro da era digital.

A partir desse contexto, ainda em 1999 é lançado o filme *Matrix*. O cenário é ambientado em uma distopia, onde a humanidade encontra-se refém de um radical controle das máquinas. Dessa forma, os seres humanos encontram-se aprisionados em uma simulação digital, sem ao menos desconfiar da existência desta. O personagem principal, Thomas A. Anderson tem uma vida aparentemente comum, no entanto, é secretamente um *hacker* conhecido como Neo. Ele vive em angústia, se entrega a uma busca constante, ansiando descobrir a verdade: o que é A Matrix?

Neo anseia descobrir o que é Matrix porque tem a constante sensação de que há algo errado no mundo, embora não saiba explicar o porquê dessa sensação. Essa inquietação o leva à procura incessante por respostas, especialmente sobre Matrix, termo que ele encontra por diversas vezes no ambiente virtual. Para tal, Neo pretende encontrar um famoso *hacker*, foragido da polícia, acusado de diversos crimes cibernéticos e considerado um terrorista: Morpheus. Para Neo, Morpheus é quem possui a chave para desvendar a verdade daquilo que tanto o atormenta, como um espinho na mente. Uma noite, enquanto realiza suas pesquisas no computador, subitamente recebe uma mensagem misteriosa na tela: “A Matrix te possui”. Isso é seguido por “Siga o coelho branco” (*The Matrix*, 1999, 7min30s), que o leva a conhecer Trinity.

Seguindo as dicas das misteriosas mensagens que aparecem subitamente em seu computador, Neo é levado a uma boate, na qual Trinity o espera. Eles não se conhecem, no entanto, Trinity revela a Neo que ele está sendo observado. Ela explica que conhece sua busca pela verdade sobre a Matrix e que, embora ele esteja perto de encontrar a resposta, ele ainda

não está pronto para saber tudo. A cena termina com Trinity insinuando que ele encontrará Morpheus, uma figura que será crucial para sua jornada.

Neo está perto de encontrar o que procura, no entanto, sua busca pela verdade é de fato ameaçadora, visto que assim como toda a humanidade, ele é um prisioneiro de uma simulação programada. Enquanto está no trabalho, Neo recebe um pacote misterioso que contém um telefone celular. Assim que ele o abre, o telefone toca, e Morpheus, do outro lado da linha, avisa que ele corre perigo. Logo, Neo acaba sendo capturado pelo agente Smith, que é um programa, uma criação do sistema de controle que mantém os humanos presos dentro da realidade simulada da Matrix. Seu papel é impedir que os humanos se tornem conscientes da verdadeira natureza da Matrix e, especialmente, caçar e eliminar aqueles que despertam ou que lutam contra o sistema.

Na sequência, Neo é interrogado pelo agente Smith, que o ameaça, exigindo que coopere e entregue Morpheus, além de abandonar a vida de *hacker*. Neo se nega a colaborar com o agente Smith, então ele é atacado de uma maneira quase inacreditável. Os lábios e a boca de Neo desaparecem, ele é contido, e os agentes implantam um dispositivo, um inseto mecânico em seu corpo. No entanto, após essa cena, Neo acorda em sua cama, tendo a forte impressão de que tudo o que havia acontecido não passava de um sonho ruim.

Neo percebe, no entanto, que o encontro com o agente Smith não foi um sonho quando encontra Trinity novamente e tem o dispositivo rastreador extraído de seu corpo. Ela o guia ao encontro com Morpheus. Os dois iniciam um diálogo em que Morpheus diz a Neo que ele o procura, pois há algo que sentiu durante a vida inteira, mas não sabe o que é, e essa dúvida o deixa angustiado, como se tivesse farpas na mente. Neo diz que deseja descobrir o que é a Matrix, então Morpheus define:

Matrix está ao nosso redor. Mesmo aqui, nesta sala. Você pode vê-la quando olha através da janela, ou quando liga a televisão. Pode senti-la quando vai trabalhar, quando está na igreja, ou quando paga seus impostos. É o mundo que jogaram diante de seus olhos, para deixá-lo cego quanto à verdade... que você é um escravo, Neo. Como todo mundo, você nasceu na escravidão, numa prisão que você não pode cheirar, provar nem tocar. Uma prisão para a mente. (The Matrix, 1999 27min37s).

Em seguida, Morpheus ainda afirma que não é possível explicar a ninguém o que de fato é Matrix, é necessário vê-la por si mesmo. Portanto, Morpheus propõe a Neo uma escolha: optar entre a pílula azul, que o faria esquecer de todas aquelas dúvidas que o

atormentam, ou escolher a pílula vermelha, que, segundo Morpheus “mostra até onde vai a toca do coelho”, referenciando *Alice no País das Maravilhas*<sup>12</sup>. A pílula vermelha revelaria a verdade sobre o que é a Matrix. Ela é necessária para que ocorra o desligamento individual da simulação, bem como para despertar o corpo físico do estado de sono em que se encontram os seres humanos. Neo escolhe a pílula vermelha, iniciando uma transformação que simboliza seu despertar para a verdade sobre o mundo.

Neo passa a ter experiências pouco verossímeis, aquilo que considerava ser real passava a se desfazer diante de seus olhos. Acompanhado de Morpheus, Trinity e os outros membros da resistência, Neo começa a ser desligado do sistema. Posto em frente a um espelho quebrado, vê que este começa a se refazer sozinho. Toca o espelho e este começa a cobri-lo com uma estranha substância gelatinosa, parecida com o próprio espelho. Enquanto Neo observa a cena, incrédulo, Morpheus pergunta:

Morpheus: Você já teve um sonho, Neo, que tinha tanta certeza de que era real?

Neo: Isso não pode ser...

Morpheus: Ser o quê? Ser real?

Morpheus: E se você não conseguisse acordar desse sonho, Neo? Como saberia a diferença entre o mundo dos sonhos e o mundo real? (The Matrix, 1999, 30min31s).

Finalmente, fora da simulação que o aprisionava e acordando do estado de sono, Neo se encontra numa espécie de casulo, com plugs e fios saindo de seus braços, pernas, costas e cabeça. São nesses casulos que as máquinas mantêm os seres humanos em estado de sono, enquanto sua mente está ativa na simulação programada, seu corpo físico serve como uma bateria, fornecendo energia para as máquinas. Neo percebe estar cercado de outros milhões de casulos, a cena é impressionante e distópica, revelando a escala massiva da colheita de humanos pelas máquinas. Em seguida, seu casulo é drenado e ele escorrega por um tubo, indo parar numa espécie de sujeira de esgoto, então é resgatado pelos membros da resistência da nave Nabucodonosor, Morpheus, Trinity, Apoc, Cypher, entre outros, e descobre, enfim, o que é a Matrix.

---

<sup>12</sup> Carroll, Lewis. *Alice no País das Maravilhas*. (1865). O livro conta a história de uma menina chamada Alice que ao perseguir um coelho branco antropomórfico, acaba sendo transportada para um lugar fantástico, povoado de criaturas peculiares, como o Chapeleiro Louco, a Rainha de Copas, a Lagarta e o Gato de Cheshire. Ao longo de sua jornada, Alice vive diversas aventuras e é confrontada com o absurdo, com o impossível, e passa a questionar tudo o que aprendeu até ali.

Agora, fora da Matrix, Neo passa a entender de maneira gradativa qual é a verdadeira realidade, pois, isso exige que ele se desfaça de todas as suas antigas opiniões, de tudo aquilo que considerava verdadeiro, para então conceber a realidade fora da simulação. "Por que os meus olhos doem?", ele pergunta. "Porque você nunca os usou"(The Matrix, 1999, 36min02s) Morpheus responde.

Morpheus leva Neo a um programa chamado “Construção”. Os rebeldes possuem maneiras de acessar a Matrix, e fora dela, também possuem certas ferramentas tecnológicas, onde podem produzir armamentos e outras coisas de que necessitam. Nesse programa, Morpheus passa a mostrar para Neo como é o mundo fora da Matrix, e a história por trás dela. Ainda sem conseguir compreender totalmente essa realidade altamente tecnológica e divergente do que estava habituado, ao ver cenas e objetos sendo projetados em sua frente, Neo questiona Morpheus se aquilo é real, e ele responde: “O que é real? Como você define o real? Se você está falando sobre o que sente, saboreia, cheira ou vê, então o real é simplesmente sinais elétricos interpretados pelo seu cérebro.” (The Matrix, 1999, 40min17s).

Dessa forma, Morpheus mostra que no início do século XXI a sociedade estava deslumbrada e celebrava o desenvolvimento da Inteligência Artificial (I.A). Esta era uma consciência singular, que foi capaz de gerar uma raça inteira de máquinas. Todavia, não se sabe ao certo como o conflito entre máquinas e seres humanos começou, no entanto, sabe-se que foram os seres humanos que queimaram o céu.

No começo, as máquinas dependiam de energia solar. A humanidade então acreditou que elas não sobreviveriam sem esta abundante fonte de energia, e dessa forma, destruíram os céus, restando apenas escuridão. Contudo, as máquinas precisavam apenas de uma pequena carga elétrica para iniciar a reação, assim, em contra-ataque, essa fonte elétrica passou a ser extraída do corpo humano. Em decorrência disso, as máquinas criaram campos intermináveis onde os seres humanos não nascem, são cultivados. A sociedade na qual Neo vivia e concebia como real, retratada como o final dos anos 90, era uma simulação neural interativa que chamamos de Matrix. “Você viveu dentro de um mundo de sonhos, Neo” (The Matrix, 1999, 40min57s), afirma Morpheus.

O domínio das máquinas já perdurava há mais de um século. Fora da Matrix, os rebeldes se escondem em locais subterrâneos na Terra devastada. A principal base de operações é a cidade escondida de Zion, a última fortaleza humana que foi criada por aqueles que escaparam do programa da Matrix. Zion encontra-se no subterrâneo, protegido das

máquinas, onde vivem os humanos que foram libertados da Matrix e aqueles que nasceram fora dela.

Ao explorar a trama do filme *Matrix*, é possível perceber os motivos pelos quais ele foi e continua sendo um grande sucesso. O filme é repleto de cenas de ação, construídas de maneira inovadora no âmbito da cinematografia, popularizando recursos como o *bullet time*, uma técnica que tem como objetivo dar a impressão de realidade distorcida, concebendo assim cenas icônicas, como quando Neo desvia de balas como se elas estivessem em câmera lenta (*The Matrix*, 1999, 01h46min). Assim, o telespectador acompanha o desenvolvimento da trama, que a princípio pode trazer conceitos de difícil concepção para o público geral, todavia, o filme é capaz de proporcionar um equilíbrio entre cenas eletrizantes e diálogos que geram reflexões de cunho filosófico, como questões acerca da natureza da realidade, controle e o papel da tecnologia na sociedade, entre outros, fazendo com que *Matrix* se tornasse uma obra de relevância intelectual.

Em *A Pílula Vermelha* (2003), uma coletânea de ensaios sobre questões de filosofia, ciência e religião em *Matrix*, tratando-se da repercussão que o filme obteve no final da década de 90, Read Mercer Schuchardt revela que “O produtor executivo Andrew Mason explica que o público visado reage da melhor maneira possível, talvez, ao dizer que *Matrix* é na verdade um conjunto de perguntas, um recurso para levar uma mente ignorante ou embotada a questionar quase tudo que for possível.” (Schuchardt, 2003, p. 23).

Notoriamente, *Matrix* é um filme com diversas referências. Além de tratar questões importantes para a sociedade vigente, como a tecnologia, inteligência artificial e controle, a trama e alguns detalhes do roteiro demonstram que, para ser construído, as irmãs Lana e Lilly Wachowski, criadoras e diretoras do filme, utilizaram diversos recursos intelectuais. “Dito de outro modo, *Matrix* é uma tese de pós-graduação sobre consciência disfarçada de filme de ação e aventura. Não importa se você é analfabeto ou tem doutorado: vai encontrar no filme algo que lhe sirva.” (Schuchardt, 2003, p. 21)

Logo nas cenas iniciais, podemos observar que Neo possui um exemplar da obra *Simulacros e Simulação* (1981), um tratado filosófico de Jean Baudrillard que discute a relação entre realidade, símbolos e sociedade. Também faz grandes referências à *Alice no País das Maravilhas* (1865), de Lewis Carroll, uma obra de literatura infantil e de extrema relevância, que explora a linha tênue entre sonho e realidade. Além disso, *Matrix* é nitidamente concebido com diversos embasamentos filosóficos, podendo fazer alusão à

Alegoria da Caverna de Platão e às *Meditações* de Descartes. Portanto, assistir ao filme *Matrix* é uma experiência que ultrapassa os limites do entretenimento, de forma que “podemos considerar em mais profundidade a natureza da realidade retratada pelo filme não como simples história, mas como exegese - um espelho que vemos refletido a nós e a nossa “realidade”, dando-nos, portanto, a oportunidade de *insight*.” (Gerrold, 2003 p. 8).

Ademais, fica evidente que com o passar das décadas a tecnologia vem avançando a passos largos. A sociedade contemporânea a 2024 é ainda mais dependente e refém das tecnologias. Isso abre espaço para que esse filme possa ser utilizado como uma proposta de reflexão sobre as relações humanas com a tecnologia, principalmente, a Inteligência Artificial, que se encontra em pleno desenvolvimento. Em seu ensaio *O que é a Matrix?* Schuchardt a define como um retrato da realização total da sociedade tecnológica “[...] em que não só trabalhamos para a máquina (ao invés da máquina trabalhar para nós), mas em que a máquina nos cria, nos dá vida, e nos usa de acordo com os seus desígnios”. (Schuchardt, 2003 p. 20). Assim, é notório que a sociedade tem uma crescente ascensão no âmbito do desenvolvimento de tecnologias. Assim, conforme a progressão dos avanços tecnológicos, a sociedade passa a usufruir cada vez mais destas ferramentas, que hoje são consideradas indispensáveis. A tecnologia traz consigo consequências favoráveis, todavia, se faz necessária a reflexão acerca dessa dependência exacerbada, algo que *Matrix* conseguiu proporcionar, muito à frente de seu tempo.

## **2.2 Elementos filosóficos em *Matrix***

Questionamentos são a força vital que move a filosofia em toda sua história. Quem somos? O que é realidade? O que podemos conhecer? São perguntas que impulsionam, que nos movem em busca pela verdade e para a filosofia. Trinity diz a Neo: São as perguntas que nos movem. (The Matrix, 1999, 11min29s). A trama de *Matrix*, a princípio, gira em torno da busca de Neo pela verdade. Enquanto ele está explorando o mundo cibernético, onde viu o termo “Matrix” pela primeira vez, recebe uma súbita mensagem em seu computador, com o imperativo: “Acorde” (The Matrix, 1999, 7min06s). Além de ser uma alusão recorrente de que Neo, assim como toda humanidade encontra-se em estado de sono, preso em uma simulação, o imperativo parece convidar o telespectador a sair de um estado de conformismo, e passar a questionar o mundo a sua volta. Dessa forma, é praticamente impossível imaginar que *Matrix* não suscite ao menos um questionamento naqueles que o assistiram.



Morpheus pergunta: “Já teve um sonho real, Neo? como saberia a diferença entre o mundo do sonho e o mundo real?”(The Matrix, 1999, 30min31s). Morpheus foi o responsável por mostrar a Neo a realidade, oferecendo escolha entre a pílula vermelha e a azul. A pílula azul garantia a Neo viver uma vida comum, esquecendo-se de tudo que buscava até então, e acreditando naquilo que fosse mais conveniente. No entanto, a pílula vermelha mostraria a Neo a desagradável realidade, fazendo com que despertasse da Matrix. De acordo com a mitologia grega, Morpheus era o deus dos sonhos, filho de Hipnos, o deus do sono. Além disso, o nome de Morpheus possui outras referências.

Na mitologia grega, Morpheus era o deus dos sonhos, e o seu nome está na raiz linguística de palavras como “morfina” (droga que provoca o sono e tira a dor) e morphing (usar a tecnologia de um computador para passar de uma realidade para a outra, sem emenda perceptível). (Schuchardt, 2003 p. 14).

Logo, como afirma Marilena Chaui (2014), Morpheus é o responsável por fazer Neo compreender que passou a vida inteira sem ter certeza se estava dormindo ou acordado, porque realmente sempre esteve dormindo. Além disso, a proposta da escolha entre a pílula azul e a vermelha feita Morpheus, também possui uma relação com a figura mitológica do deus dos sonhos.

Esvoaçando sobre um ser humano ou pousando levemente sobre sua cabeça, quando o tocava com uma papoula vermelha, tinha o poder de fazê-lo adormecer e sonhar, mas também de aparecer em seu sonho, tomando forma humana. [...] Várias vezes Morpheus pergunta a Neo se este tem a impressão de estar sempre dormindo e sonhando, sem nunca ter a certeza de estar realmente desperto. Essa pergunta deixa de ser feita a partir do momento em que, entre uma pílula azul e uma vermelha oferecidas por Morpheus, Neo escolhe ingerir a vermelha (como a papoula da mitologia) o que fará ver a realidade. (Chaui, 2014, p. 7-8).

Neo se encontrava em angústia, pois sentia que havia algo de errado no mundo em que vivia. Procurava por Morpheus, pois acreditava que ele poderia revelar o segredo acerca do misterioso termo “Matrix”, que encontrava em suas investigações no mundo virtual. Paralelamente, Morpheus também buscava por Neo, em razão de uma profecia feita por um Oráculo. Segundo a profecia, haveria um ser humano nascido dentro da simulação, o Escolhido, que teria o poder de manipular a Matrix, libertar a humanidade e trazer equilíbrio à luta entre humanos e máquinas. Dessa forma, Morpheus liberta Neo do estado de sono, lhe conta sobre a profecia e afirma que ele é o Escolhido.

Logo, Morpheus leva Neo ao Oráculo, a fim de confirmar se ele é realmente o Escolhido. Na Grécia antiga, em IV a.C, havia um santuário em Delfos, dedicado a Apolo,

deus da luz e patrono da sabedoria. Sobre o portal desse santuário estava escrita a mensagem do principal oráculo de Apolo: “*Conhece-te a ti mesmo*”. A mesma mensagem estava também na casa do Oráculo em *Matrix*. Em *Matrix - bem vindo ao deserto do real* (2003)<sup>13</sup> William Irwin compara a trajetória de Neo com a de Sócrates: “*Matrix* é muitas coisas; a reapresentação da história de Sócrates é uma delas, e certamente os espectadores não captaram esse elemento do filme, a menos que já conhecessem a história.” (Irwin p. 47 2003).

Neo, sendo o Escolhido, tinha a missão de salvar a raça humana da escravidão à inteligência artificial. Sócrates também havia recebido missão do deus Apolo, provinda do oráculo de Delfos, deveria despertar o povo de sua cidade natal, Atenas. Ambos têm suas trajetórias movidas pelas palavras de um oráculo. Sócrates, assim como Neo, nunca se contentou com opiniões estabelecidas e conceitos impostos pela sociedade, o que os levava a desconfiar das aparências e buscar a verdadeira realidade das coisas. Sócrates percorria as ruas de Atenas, fazendo perguntas e aplicando a Maiêutica, seu método de diálogo, que buscava extrair a verdade das pessoas através de perguntas e reflexões, e através disso, aqueles que dialogavam com Sócrates logo percebiam a diferença entre opinião, crença e verdade. “Assim como sua mãe lidava com a *matrix* corporal, ele lidava com a *matrix* mental, auxiliando as mentes a libertar-se das aparências e buscar a verdade. Como os de Neo, os combates socráticos eram também combates mentais ou de pensamento.” (Chauí, p.9 2014).

Além disso, a trajetória de Neo pode ser comparada também com um dos principais escritos de Platão, discípulo de Sócrates: A alegoria da caverna, que se encontra no sétimo livro de *A República*. A alegoria retrata prisioneiros acorrentados desde o nascimento no interior de uma caverna. Entre o muro da caverna e uma fogueira, passavam pessoas carregando diversos objetos, animais, etc. Dessa forma, os prisioneiros acreditavam que as sombras daqueles objetos que eram projetadas na parede, eram a realidade de fato. Porém, um dos prisioneiros consegue se libertar de suas correntes e descobre o mundo externo à caverna, ele passa por um processo doloroso, pois seus olhos não estão habituados à luz do sol, além de ser tomado pelo espanto ao conhecer a verdadeira realidade. O prisioneiro que se libertou lamenta pelos seus companheiros que permanecem acorrentados, no entanto, ao voltar a caverna a fim de libertá-los, os demais não acreditam em suas palavras, zombam dele e resistem, preferindo a segurança das sombras ao desconhecido.

Neo acreditava que as simulações dentro da Matrix eram a realidade, tal qual os prisioneiros acreditavam nas sombras. Além disso, Neo também encontrava-se “acorrentado”,

---

<sup>13</sup> Irwin, William. *Matrix - bem vindo ao deserto do real* (2003)

pois estava preso em um casulo, com grandes fios plugados por todo seu corpo. Ao ser desligado da Matrix e conhecer a verdadeira realidade, Neo percorreu o mesmo caminho doloroso que o prisioneiro que se liberta e sai da caverna. Se questiona também por que seus olhos doem, e Morpheus responde: Porque você nunca os usou. (The Matrix, 1999, 36min02s).

A saída de Neo da Matrix não é diferente da subida do prisioneiro da caverna, na alegoria de Platão; mas a realidade que Neo descobre não é um reino abençoado de Formas, puras e reluzentes em beleza. Em vez disso, ele se depara com uma realidade que é feia, um mundo destruído por guerra entre humanos e máquinas, onde a existência é dosada somente com os meios mais baratos e a vida é vivida com uma constante ameaça de morte. (Garcia, Sanford, 2003, p. 118).

Da mesma forma que os demais prisioneiros preferem a segurança das sombras ao desconhecido, Morpheus afirma que a maioria das pessoas não estão preparadas para se desconectar da Matrix, pois são dependentes do sistema. “A maioria destas pessoas não está preparada para despertar. E muitas delas estão tão inertes, tão desesperadamente dependentes do sistema, que irão lutar para protegê-lo”.(The Matrix, 1999, 57min00s). Um dos principais exemplos disso é Cypher, um dos membros da resistência. Ele sente falta das ilusões da Matrix, onde vivia em uma sociedade pacífica e havia muitos prazeres, como sentir o sabor dos alimentos, entre outras coisas. Consequentemente, Cypher decide trair seus companheiros, faz um acordo com o agente Smith e prepara uma armadilha para capturar Morpheus. Em troca, Cypher exige ser inserido de volta à Matrix e esquecer a verdade sobre tudo, pois prefere o conforto do engano, usufruindo de privilégios como dinheiro, fama e falsos prazeres sensoriais, ao sofrimento da realidade de um mundo devastado.

A relação do filme *Matrix* com o filósofo Descartes, mais especificamente com a dúvida metafísica, pode ser explorada de forma ainda mais ampla. Descartes utiliza o ceticismo como seu método, e estabelece a dúvida, dividindo-a em três graus principais: A dúvida dos sentidos, o argumento do sonho e o Deus Enganador. Para cada grau da dúvida metafísica cartesiana, existe um momento da trama de *Matrix*, onde em um cenário ficcional pode corresponder aos argumentos utilizados por Descartes, considerando que o filme também trata da dúvida da realidade, explorando o problema da impossibilidade de distinguir a vigília do sono, bem como tem o criador da simulação como uma figura muito poderosa, que engana todos os seres humanos, iludindo todos os seus sentidos e forjando uma realidade na qual engano é constante. Portanto, além de explorar questões acerca da relação da sociedade com a tecnologia e controle, *Matrix* também possui diversas referências filosóficas, e assim, o filme ultrapassa os limites do entretenimento, podendo propiciar reflexões ao

telespectador e conseqüentemente gerar discussões acerca de problemas filosóficos retratados na trama.

### **2.3 A Dúvida Metafísica e *Matrix***

Embora seja considerado que o filme *Matrix* possa representar, em diversos momentos, alguns aspectos da dúvida metafísica cartesiana, o objetivo desta seção consiste em uma reflexão sobre como certos conceitos da trama se aproximam ou se distanciam dos argumentos de Descartes. Portanto, não será estabelecida uma equivalência total entre a dúvida e o filme, mas sim um olhar analítico para o longa-metragem, visando refletir até que ponto pode-se utilizar a trama de *Matrix* para ilustrar o pensamento cartesiano.

Como já analisado, René Descartes estabeleceu um método para buscar a verdade clara e distinta. Considerando que a ruína dos alicerces carrega consigo todo o edifício, o filósofo pretendia se livrar de todas as suas antigas opiniões, visto que pretendia estabelecer um conhecimento indubitável, necessariamente embasado em princípios firmes nas ciências. Conseqüentemente, a primeira regra estabelecida por Descartes parte do pressuposto de que se algo apresentar a mínima possibilidade de dúvida, deverá ser considerado completamente falso. Portanto, a empreitada cartesiana, assim como aquela de Neo, tem o mesmo ponto de partida: a busca pela verdade. Busca que levará ambos ao questionamento da existência do mundo exterior.

Como exposto na seção anterior, a simulação é ambientada no final da década de 90. Imitando o cotidiano vivido no período anterior à guerra, todos os indivíduos aparentam uma vida comum, trabalham, constituem família, seguem uma religião, e ocupam-se plenamente, e assim, não têm razões aparentes para suspeitar da própria realidade. Entretanto, Neo demonstra que, mesmo sem poder afirmar ou categorizar, há uma verdade a ser descoberta. Um dos principais indícios disso foi o termo ‘Matrix’, identificado em camadas ocultas da internet. Pois, mesmo sendo um hacker habilidoso, Neo não encontrava esclarecimentos acerca do significado deste. Tomado por essa inquietação, Neo iniciou sua jornada em busca de desvendar os segredos sobre *Matrix*, sem imaginar que ele e toda a humanidade viviam em constante engano, reféns das máquinas, com a mente presa em uma simulação interativa.

Está bem estabelecido que Descartes pretendia livrar-se daquilo que poderia considerar duvidoso. Pois, não seria prudente confiar plenamente naquilo que se apreende

através dos sentidos, já que estes poderiam ocasionar enganos acerca da qualidade daquilo que é percebido. Estabelece assim o primeiro grau da dúvida, que se ancora no clássico argumento do erro dos sentidos. A relação entre a dúvida dos sentidos e o filme *Matrix* é bastante direta, pois ambos exploram a questão de como podemos confiar na realidade percebida pelos nossos sentidos.

Como vimos anteriormente, na trama de *Matrix*, os seres humanos estão aprisionados em casulos, fornecendo energia para as máquinas, enquanto suas mentes estão ativas em uma simulação interativa. Portanto, tudo aquilo que a humanidade apreende através dos sentidos é falso, controlado pela simulação. Ao sair da Matrix, Neo não consegue distinguir o verdadeiro do falso, e ao questionar Morpheus obtém a seguinte resposta: “O que é real? Como você define o real? Se você está falando sobre o que sente, saboreia, cheira ou vê, então o real é simplesmente sinais elétricos interpretados pelo seu cérebro.” (The Matrix, 1999, 40min17s). Neste trecho, fica evidente que *Matrix* trabalha a dúvida dos sentidos, visto que o verdadeiro conhecimento não poderia ser obtido através de experiência alguma. Todas as aparências eram projetadas virtualmente, e as sensações eram sinais elétricos enviados diretamente para o cérebro, ocasionando a falsa impressão de sentir.

Embora Descartes tenha estabelecido os sentidos como uma fonte de conhecimento duvidosa, essa desconfiança é acerca da qualidade dos objetos apreendidos pelos sentidos. Portanto, existem aquelas coisas que razoavelmente não se pode duvidar, a saber, “Em verdade, qual a razão para que possa negar essas próprias mãos e todo esse meu corpo?” (Descartes, 2004, p. 23). Dentro da Matrix, o corpo físico também é uma ilusão, chamada de auto imagem residual. Este é um termo que ilustra a capacidade dos softwares de reproduzir aquilo que imagina-se ser sua imagem. O corpo de fato existe, todavia, dentro da Matrix ele é apenas a auto imagem residual desse corpo, uma simulação muito verossímil que tem a falsa impressão de utilizar dos sentidos. Aqueles que estão presos ao programa de computador, nunca utilizaram seus sentidos de fato, pois seus corpos estão adormecidos e aquelas sensações que acreditavam sentir eram sinais elétricos que o cérebro interpreta, causando falsas impressões sensoriais.

Ao admitir que existem coisas que, razoavelmente, não poderiam ser colocadas em dúvida, faz-se necessário um argumento mais forte, considerando que algumas situações não são afetadas pelo argumento do erro dos sentidos. A princípio, Descartes afirma não haver possibilidade de negar a existência de suas mãos e seu corpo, a não ser que se equiparasse aos insensatos que tem seu cérebro perturbado e representam coisas pouco verossímeis. Embora o argumento da loucura não seja considerado válido por alguns estudiosos e comentaristas, ele é

essencial para a construção da dúvida metafísica, pois é a partir dele que Descartes irá introduzir o argumento do sonho: “ [...] Como se eu não fosse um homem, acostumado a dormir à noite e sentir nos sonhos todas essas mesmas coisas, e até menos verossímeis, do que eles em sua vigília!” (Descartes, 2004, p. 25).

Portanto, ainda que não seja possível confiar plenamente nos sentidos, Descartes, inicialmente, nega que possa gerar seus próprios dados sensíveis, ou negar a existência de seu corpo. Contudo, assim como todos os outros seres humanos, têm o hábito de sonhar, e é sabido que nesses sonhos é possível representar coisas pouco verossímeis, assim como os loucos em sua vigília. Bem como representar em seus sonhos coisas cotidianas e ordinárias, que evidenciam a impossibilidade de distinguir sono e vigília.

Descartes concluiu que não é possível distinguir a vigília do sono, pois em muitas ocasiões, representou em seus sonhos coisas verossímeis. Portanto, devido à semelhança destes sonhos ordinários com a realidade, fica impossibilitada a distinção entre sono e vigília, tornando verossímil as dúvidas acerca da realidade percebida. Em *Matrix*, é possível identificar diversas semelhanças com o argumento dos sonhos. Toda a humanidade está em coma induzido, dormem enquanto seus corpos fornecem a energia necessária para as máquinas. Simultaneamente, suas consciências estão ativas dentro da simulação ininterrupta. Isso se assemelha aos sonhos verossímeis em Descartes, pois as experiências simuladas são realistas e ordinárias, de modo que não haja suspeitas de que aquela realidade contenha em si qualquer grau de falsidade.

Como visto anteriormente, Neo havia recebido uma mensagem anônima em seu computador: “Acorde, Neo” (The Matrix, 1999, 7min06s). Sabemos que o autor da mensagem era Morpheus, que procurava Neo para desligá-lo da Matrix. Nesse sentido, o imperativo “acorde” traz indícios de que aqueles que vivem na Matrix não conhecem a vigília, e para se libertar dela é preciso despertar. A dúvida também é retratada na cena em que Neo é interrogado pelo agente Smith. Como anteriormente descrito, o interrogatório foi uma experiência pouco verossímil, da qual Neo tem um dispositivo rastreador injetado em seu corpo. Na sequência, ele acorda assustado em sua cama. Embora essa transição de cena seja popular e utilizada em diversos outros filmes, o contexto reforça a sugestão da impossibilidade de distinguir a vigília do sono, pois o encontro que pensou ser um sonho revela-se real, demonstrando a falta de indícios para distinguir sono e vigília.

Embora o programa de simulação seja definido por Morpheus como ‘um mundo de sonhos’, podemos interpretar que nesse caso, a palavra ‘sonho’ é utilizada como sinônimo para ‘ilusão’, a fim de demonstrar que embora pareça verossímil, a vida experienciada dentro da Matrix não aconteceu de fato. A Matrix é uma prisão para a mente, e não há como lutar contra essa prisão que é desconhecida pela maioria, pois sequer cogitam a possibilidade de estar em constante ludibrio. É evidente, portanto, que Matrix aprisiona o corpo e a mente, e nesse estado de sonho ou engano constante, domina toda a humanidade.

Assim, antes de oferecer a pílula, Morpheus diz a Neo: Você é um homem que aceita o que vê porque pensa estar sonhando. Ironicamente, não está muito longe da verdade. (The Matrix, 1999, 26min38s). Posteriormente, Morpheus afirma para Neo que ele viveu em um mundo de sonhos, contudo, com base na citação acima, é possível refletir que a Matrix não corresponde completamente à um mundo de sonhos, mas que conceitualmente, se assemelha a um. Morpheus também afirma que não é possível explicar a alguém o que é a Matrix, logo, devido a dificuldade de expor e convencer, de maneira assertiva, que os homens são prisioneiros de uma simulação idêntica à realidade humana, é compreensível que Matrix seja equiparada a um mundo de sonho. Portanto, compará-la com um mundo de sonhos se torna um artifício que facilitaria a compreensão de como funciona a simulação, e as consequências por ela produzidas. Entende-se como sonho um conjunto de imagens e representações produzidas, uma criação da mente, majoritariamente baseada em experiências sensoriais. Logo, não é possível afirmar que a Matrix seja meramente um mundo de sonhos, pois sua complexidade e finalidade ultrapassam os limites do ato de sonhar. Todavia, ainda é possível estabelecer certas conexões entre o argumento dos sonhos de Descartes e o filme *Matrix*.

Descartes afirma que não há evidências concretas que distinguem a vigília dos sonhos, essa afirmação é tão radical que o filósofo quase persuadiu-se de que está adormecido naquele momento. Assim, embora o argumento dos sonhos seja explorado no ceticismo antigo, Descartes o utiliza não de maneira epistemológica, mas metafísica. Em *Matrix* o corpo está adormecido, todavia, dentro da simulação intraneural, não há vigília de fato. A ilusão é ininterrupta, as pessoas creem dormir, acordar e sonhar dentro da Matrix, quando na realidade, nunca estiveram despertos. Portanto, é possível analisar que a possibilidade de Matrix consegue ser ainda mais avassaladora do que o argumento do sonho, pois a vigília sequer existe. Os sonhos são habituais nos seres humanos, em circunstâncias ideais. Porém, em *Matrix* há um ser, uma força externa agindo, manipulando toda uma realidade e criando falsas representações.

Conforme analisado, é possível afirmar que as ciências da natureza tratam de coisas muito gerais, e contém em si algo de certo e indubitável. Em outras palavras, independentemente de estar acordado ou dormindo, dois mais três somam cinco, um triângulo possui três lados, os conceitos matemáticos independem da vigília. Portanto, o erro dos sentidos e o argumento dos sonhos não são suficientemente fortes a ponto de afetar as verdades eternas. Consequentemente, em seu terceiro grau, há a radicalização da dúvida cartesiana, tornando-a hiperbólica: O argumento do Deus Enganador. Essa hipótese especula sobre a possibilidade de um Deus que deseja me enganar constantemente, de modo que tudo o que percebo não passa de uma representação falsa.

Conforme citado anteriormente, este argumento é o grau mais elevado da dúvida, pois especula a possibilidade de que Deus desejasse que eu me enganasse em todas as coisas, inclusive acerca das verdades eternas. Todavia, a dúvida hiperbólica necessariamente negaria a soberana bondade de Deus. Descartes afirma que Deus é dotado de diversas qualidades inerentes, um ser soberanamente bom, perfeito, infinito, entre outros. Portanto, não seria possível assumir que Deus seja enganador e nos engane sempre, uma vez que essas características são radicalmente opostas. Contudo, paralelamente a isso, também não é possível que Deus tenha qualquer limitação em seu poder.

É evidente, portanto, que a Matrix é um mundo no qual todas as coisas são falsas representações, bem como, todos os seres humanos são reféns desta e vivem em engano constante, prisioneiros que não enxergam sua prisão, e assim como temia Descartes, desfrutam de uma falsa liberdade. Portanto, o cenário no qual Descartes imagina-se um prisioneiro em um mundo de ilusões, refém de um Deus enganador, ou de um Gênio Maligno, pode ser representado pelo cenário de *Matrix*. Em *Matrix – Bem vindo ao deserto do real*, Carolyn Korsmeyer analisa que o Gênio Maligno cartesiano é retratado no filme na forma de um “computador do mal”.

A versão contemporânea do enganador maligno, claro, é o computador do mal — a apavorante mente cibernética que reverteu os papéis de programado e programador, e artificialmente induz experiências que constituem uma vida. O modo como isso é feito em *Matrix* é revelado na cena que voto como a mais assustadora do filme, em que Neo é jogado em um dos invólucros que transmitem aos organismos humanos os sonhos de suas vidas. (Korsmeyer, 2005, p. 102).

Há também outra versão contemporânea do argumento cartesiano. Hilary Putnam, em *Razão, verdade e história* (1981), propõe que imaginemos que nossos cérebros tivessem sido



separados do corpo de maneira cirúrgica, e colocado em barris, contendo diversos elementos químicos, capazes de nutrir e manter o cérebro. Enquanto isso, um poderoso computador envia impulsos elétricos àqueles cérebros flutuantes e sem corpos, simulando impressões sensoriais. O argumento do cientista do mal pressupõe que o computador ligado aos cérebros é sofisticado e capaz de enviar reações às ações, por exemplo, o impulso de levantar-se é acompanhado de outros impulsos necessários para convencer que de fato levantamo-nos, mas apesar da aparência, ainda somos somente o cérebro flutuando em um barril.

Após apresentar esse cenário curioso, que é incrivelmente semelhante à situação enfrentada pela maioria dos humanos em *Matrix*, Putnam coloca a pergunta do cético: "Como você sabe que não se encontra nessa condição?" Sem uma resposta a essa pergunta, o ceticismo inspirado pelos argumentos originais de Descartes continua como a espada de Dâmocles pairando sobre nossas cabeças. (Erion, Smith, 2005, p. 71).

Ao longo da trama é demonstrado que Neo possuía uma predisposição a duvidar da realidade. Sua jornada inicia na busca por respostas devido à constante sensação de que havia algo errado no mundo. Essa predisposição parece diferenciar Neo dos demais indivíduos, visto que ele é capaz de perceber que há uma verdade a ser descoberta. Descartes afirma que a dúvida deve ser vivenciada apenas pelos espíritos fortes<sup>14</sup>. De fato, Neo percebe o mundo de forma diferente de outras pessoas, pois é o Escolhido, alguém que seria capaz de controlar a *Matrix* e libertar toda humanidade. A causa da inquietação de Neo é a consequência de seu espírito nunca ter aceito totalmente a simulação da *Matrix*, o Arquiteto afirma que ele realmente não é como outros seres humanos, é o resultado de uma anomalia sistêmica.

Sua vida é a soma de um resto de uma equação desequilibrada inerente à programação da *Matrix*. Você é a eventualidade de uma anomalia que, apesar dos meus mais sinceros esforços, não consegui eliminar de algo que, de outra forma, seria uma harmonia de precisão matemática. (*Matrix Reloaded*, 2003, 1h51min).

Em *Matrix Reloaded* (2003), o segundo filme da saga *Matrix*, Neo continua sua jornada como o Escolhido, e com o objetivo de livrar a humanidade da prisão intraneural e de todo engano, aprofunda-se no conhecimento sobre a verdadeira natureza da realidade e da *Matrix*. Ao longo da trama, ele demonstra se destacar dos demais, sua predisposição para duvidar o levou em busca da verdade e ao alcance da libertação. Para Descartes, o conceito de espírito forte se refere a uma firmeza e independência nos juízos, principalmente diante de

---

<sup>14</sup> Descartes, 1996, p.76.

dúvidas e incertezas. Dessa forma, Descartes admite o espírito forte como uma virtude essencial para a investigação filosófica e científica, o que requer uma firmeza emocional e racional para alcançar a certeza e construir o conhecimento sobre fundamentos sólidos. Portanto, Descartes, enquanto espírito forte, capaz de utilizar a dúvida como método, parece de alguma forma se assimilar ao Escolhido. Aquele capaz de livrar o mundo da ilusão aristotélica e estabelecer uma verdade indubitável, abrindo caminho para a ciência e o conhecimento verdadeiros.

Logo, com a ameaça das máquinas se intensificando, Zion está prestes a sofrer um novo ataque, e os caminhos de sua missão de proteger e salvar humanidade do controle e opressão pelas máquinas, levam Neo ao Arquiteto. O Arquiteto é a inteligência artificial que criou a Matrix, o sistema de simulação que aprisiona a mente da maioria dos seres humanos. Embora o Arquiteto seja uma máquina, ele assume uma forma humana durante o seu encontro com Neo para se comunicar de maneira compreensível. A escolha de uma forma humana também reflete o objetivo da Matrix: criar uma simulação que imite a realidade humana. A primeira versão de Matrix foi desenhada pelo Arquiteto como um paraíso utópico, sem sofrimento ou conflito. No entanto, essa versão fracassou porque os humanos rejeitaram a simulação perfeita, pois, segundo ele, as mentes humanas precisavam de imperfeições e caos para aceitar a realidade simulada.

A primeira Matrix que eu projetei era naturalmente perfeita, era uma obra de arte – impecável, sublime. Um triunfo igualado apenas por seu fracasso monumental. A inevitabilidade da sua ruína é agora aparente para mim como uma consequência da imperfeição inerente a todo ser humano. Assim, eu a redesenhei com base em sua história para refletir de forma mais precisa as grotescas variações da sua natureza. No entanto, fui novamente frustrado pelo fracasso. Desde então, compreendi que a resposta me escapou porque ela exigia uma mente inferior, ou talvez uma mente menos vinculada aos parâmetros da perfeição. (Matrix Reloaded, 2003, 1h52min).

Portanto, é correto considerar que o Arquiteto é uma entidade que, além de ter criado a Matrix, também possui o controle de todas as falsas representações que nela existem, manipulando toda a humanidade sobre o que é real. Os impulsos elétricos que causavam os falsos dados sensoriais eram enviados e planejados por ele. Descartes, no ponto mais alto da dúvida metafísica, analisa a possibilidade de haver um Deus que deseja que eu me engane a respeito das coisas mais gerais, não há nenhum céu, nenhuma terra, não há nada que não seja passível de dúvida. Os céticos duvidam da confiabilidade dos sentidos, e não podendo estabelecer alguma certeza, suspendem seus juízos. Com Descartes, a dúvida hiperbólica explora o fato de que os enganos não seriam provindos simplesmente da limitação dos

sentidos, ou daquilo que podemos conhecer, já que concebe o engano deliberado, uma manipulação direta. Logo, fica evidente de que forma a dúvida hiperbólica ressoa com a figura do Arquiteto em *Matrix*, visto que este é uma força exterior que controla a humanidade, enviando falsas representações e simulando uma realidade onde não há qualquer possibilidade de conhecer ou encontrar a verdade.

Portanto, é possível afirmar que *Matrix* utiliza-se dos argumentos da dúvida cartesiana. Embora não seja possível afirmar que o filme foi inspirado nas *Meditações* de Descartes, ainda podemos concebê-lo como uma via para conhecer e ilustrar a dúvida metafísica. O problema da confiabilidade dos sentidos é amplamente explorado, pois dentro da simulação, não há como estabelecer nenhum conhecimento verdadeiro através destes. A comparação da *Matrix* com um mundo de sonhos, referências como o significado do nome Morpheus, e cenas onde são retratadas a dificuldade de distinguir a vigília do sono, podem ilustrar o argumento dos sonhos cartesianos, no qual Descartes afirma não ser possível distinguir os sonhos e a vigília por indícios certos. Contudo, é preciso admitir que com a dúvida hiperbólica, Descartes criou um forte precedente para não apenas duvidar da realidade, mas conceber que um ser superior a mim, engana-me deliberadamente, de acordo com seus desígnios, assim como vemos no cenário ficcional de *Matrix*. Considerando o cenário contemporâneo, no qual não é inverossímil que uma inteligência artificial poderia criar falsas representações que muito se assemelham à realidade, a possibilidade de um engano constante é ainda mais assustadora. Nesse sentido, a dúvida hiperbólica cartesiana ressoa até nos dias atuais, tendo o filme *Matrix* como um exemplo de que esse argumento ainda pode ser muito explorado.

Em conclusão, é coerente afirmar que o filme *Matrix* pode servir como uma ilustração da dúvida metafísica cartesiana, pois, em todos os graus da dúvida, é possível estabelecer grandes conexões com a trama do filme. *Matrix* foi e continua sendo uma obra que ultrapassa os limites do entretenimento. Tendo isso em vista, considerando a riqueza e profundidade filosófica presente no filme, é possível pensar em um desdobramento futuro para essa pesquisa: utilizar *Matrix* como uma ferramenta didática, focando na sensibilização para a abordagem e o ensino da dúvida metafísica e outras discussões de questões relevantes para a filosofia, bem como para o seu ensino.

## Considerações Finais

A filosofia de René Descartes, intitulado o pai do racionalismo, é de grande relevância na história da filosofia. Como já vimos, Descartes encontrava-se em um contexto onde o pensamento cético estava em ascensão, havia a preocupação e uma dificuldade em reconhecer aquilo que era verdadeiro, principalmente em relação à fé e à religião. Sabiamente, Descartes soube utilizar isso a seu favor, pois ao invés de apenas negar completamente o pensamento cético, afirmando que este não traria certeza filosófica alguma, Descartes o aplica metodicamente e radicalmente, ultrapassando os limites explorados na busca pelo conhecimento verdadeiro. Dessa forma, explorando a dúvida e argumentos anteriormente analisados pelo ceticismo antigo, a saber, o erro dos sentidos e o argumento dos sonhos, Descartes os eleva ao grau máximo de radicalidade, torna a dúvida metafísica e ultrapassa todos os limites do ceticismo anterior a ele, inaugurando assim o ceticismo moderno. Logo, a partir da inovação de seu método na busca de encontrar uma verdade clara e distinta, Descartes estabelece o *cogito*, um pressuposto baseado na racionalidade, sem qualquer indício ou possibilidade de dúvida. Conseqüentemente, é estabelecida a distinção do corpo e da alma, esse fato é significativo, pois é tido como um marco no desenvolvimento do pensamento moderno, de modo que o *cogito* tem como consequência a autonomia e ênfase na razão, rompendo as barreiras da filosofia medieval.

Conforme discutido anteriormente, a dúvida hiperbólica, ou a possibilidade de ser sempre enganado por um Deus Enganador ou um Gênio Maligno, exploram um cenário onde a realidade é apenas uma inevitável ilusão, e não haveria a mínima possibilidade de estabelecer uma verdade firme nas ciências. Descartes acredita afastar a dúvida hiperbólica, baseando-se na prova causal, e considerando que ideia de Deus enquanto um ser perfeito, infinito e benevolente, impossibilita que este seja enganador, pois são conceitos contrários à natureza divina. Embora Descartes explore resoluções coerentes ao seu propósito e contexto, a universalidade da ideia de Deus é uma premissa discutível, pois varia amplamente, dependendo de culturas e tradições. Essa brecha abre espaço para que ainda na atualidade seja possível pensar e discutir sobre como podemos estabelecer verdades claras e distintas, a confiabilidade dos nossos sentidos, explorando a discussão sobre a possibilidade de viver em ludibrio constante.

Um exemplo de como essa discussão é pertinente para a filosofia e presente na contemporaneidade é o filme *Matrix*. O filme explora o problema da realidade, e como demonstrado anteriormente, pode ser utilizado para ilustrar os principais pontos da dúvida metafísica cartesiana. Ao analisar *Matrix* com um olhar mais atencioso, é possível perceber que os problemas e questionamentos pensados por René Descartes em 1641 ainda ressoam na contemporaneidade. Embora sua filosofia tenha proporcionado, à sua época, uma busca por conhecimentos com base na razão, e conseqüentemente a autonomia desta, Descartes ainda preservava uma perspectiva teocêntrica, pois Deus é fundamental para estabelecer o conhecimento verdadeiro. Em contrapartida, com o passar dos séculos, o declínio total do pensamento teocêntrico, a ausência de uma garantia divina e os crescentes avanços tecnológicos, permitem que a dúvida hiperbólica seja ainda mais palpável. Embora Descartes acredite tê-la afastado por completo, a possibilidade de ser ludibriado a respeito de toda a realidade, e tudo aquilo que conhecemos sejam falsas representações, impactam ainda mais as gerações mais recentes. Descartes abriu um forte precedente para duvidar da realidade, e *Matrix* explora essa possibilidade profundamente, e atrelando-a à tecnologia e a um ser superior (não no sentido divino) que me engana sempre, não havendo possibilidade de conhecer verdadeiramente coisa alguma.

Atualmente, em 2024, a inteligência artificial está no auge de seu desenvolvimento, incrivelmente mais aprimorada e eficiente do que na década de 90, quando o filme foi escrito. Considerando este cenário, é possível então afirmar que *Matrix* pode ser considerado como uma ilustração contemporânea da dúvida hiperbólica, o que torna o filme uma via para adentrar na dúvida metafísica cartesiana, dessa forma, poderia ser utilizado como um recurso didático para a mais fácil compreensão dos argumentos de Descartes por alunos do ensino médio.

Nesse sentido, essa monografia é um primeiro passo para um projeto maior, a ser desenvolvido posteriormente, que envolve o uso de *Matrix* como ferramenta de sensibilização para adentrar ao pensamento cartesiano no ensino básico. Compreendendo as dificuldades e limitações do ensino de filosofia na educação básica, é significativo desenvolver um projeto focado na sensibilização dos alunos, almejando melhor aprendizado e compreensão acerca da filosofia cartesiana. A sensibilização funciona como uma metodologia que explora o conteúdo além de sua simples exposição, despertando a curiosidade, tornando os alunos receptivos e motivados. Para tal, o filme *Matrix* é o elemento que auxiliará no despertar do interesse sobre a dúvida metafísica, bem como para tornar os argumentos palpáveis, aproximando-os da

realidade dos alunos. Utilizando de estratégias didáticas para lecionar sobre Descartes, é esperado que os alunos se apropriem destes problemas filosóficos, fazendo com que questionem suas crenças e conhecimentos habituais, transformando o ato de estudar filosofia em filosofar.

### Referências Bibliográficas

- Baudrillard, Jean. *Simulacros e simulação*. Lisboa: Relógio d'Água, c1991.
- Bicca, Luiz. *A questão do alcance e da radicalidade do ceticismo antigo. Ensaios filosóficos*, v. VIII, 2013.
- Burnyeat, M. F. *Idealism and Greek philosophy: what Descartes saw and Berkeley missed*. *Philosophical Review*, v. 91, n. 1, p. 3-40, 1982.
- Carroll, Lewis. *Alice no país das maravilhas*. Porto Alegre: L&PM, 1998
- Chauí, Marilena. *Iniciação à filosofia*. São Paulo: Ática, 2014.
- Descartes, René. *Discurso do método*. In: Descartes, René. *Os Pensadores*. São Paulo: Abril Cultural, 1996. v. 1.
- Descartes, René. *Meditações sobre filosofia primeira*. Tradução de . 3. Fausto Castilho d. Campinas: Editora Unicamp, 2004.
- Empírico, Sexto. *Hipótiposis Pirrônicas*. Ed. Ediciones Akal, 1996.
- Gouhier, Henri. *Doute méthodique ou négation méthodique? Les Études Philosophiques* 9 (2), p. 135-162. 1954.
- Gouhier, Henri. *La pensée métaphysique de Descartes*. Paris: J. Vrin, 1999.
- Irwin, William. *Matrix: bem-vindo ao deserto do real*. 3. ed. São Paulo: Editora Aleph, 2005.
- Locke, John. *Ensaio sobre o entendimento humano*. São Paulo: Nova Cultural, 1999.

Martins, Juliana. *A dívida dos sentidos na primeira meditação como elemento fundamental para a compreensão das meditações metafísicas de Descartes*. Anais do seminário dos estudantes de pós-graduação em filosofia da UFSCar 2014 10ª edição.

Platão. *A República*. São Paulo: Nova Cultural, 1999.

Popkin, Richard. *História do Ceticismo de Erasmo a Espinoza*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 2000.

Putnam, Hilary. *Razão, verdade e história*. Volume 36 da *Nova enciclopédia*. Lisboa: Dom Quixote, 1992.

Rocha, Ethel. *Notas sobre o argumento da loucura na primeira Meditação*. *Educação e Filosofia* Uberlândia v.25, N. Especial, p. 103-116, 2011.

Yeffeth, Glenn. *A pilula vermelha: questões de ciência, filosofia e religião em Matrix*. Tradução de Marcello Lino. São Paulo: Madras, 2003.

Wachowski, Lana; Wachowski, Lilly. *The Matrix*. Produção: Joel Silver. Warner Bros, 1999. 1 filme (136 min).

Wachowski, Lana; Wachowski, Lilly. *Matrix Reloaded*. Produção: Joel Silver. Warner Bros, 2003. 1 filme (138 min).